

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

***A RELAÇÃO ENTRE VERDADE E CONHECIMENTO
NAS CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO***

RENATA VANESSA SILVA
FLORIANÓPOLIS
Fevereiro/2005

RENATA VANESSA SILVA

***A RELAÇÃO ENTRE VERDADE E CONHECIMENTO
NAS CONFISSOES DE SANTO AGOSTINHO***

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Professor Doutor João Eduardo Basto Lupi e co-orientação do Professor Doutor Marcos Roberto Nunes Costa.

FLORIANÓPOLIS
Fevereiro/2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu força para eu nunca desistir.

Agradeço a meus pais por sempre, mesmo discordando do meu sonho de ser professora e pesquisadora, continuar a me amar.

Agradeço aos meus namorados, que suportaram firme ao meu lado, aos que passaram e ao atual.

Agradeço ao Professor Ricardo Pierpaulli, apesar dos pesares.

Agradeço ao Professor Lupi que foi maravilhoso em todos os sentidos e sem o qual eu nunca teria concluído esta dissertação.

Agradeço aos professores e amigos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, por estarem sempre sorrindo e cantando.

Agradeço a minha irmã Cintia, ao meu irmão Fernando e a avó Teresa, por existirem.

Lista de Abreviaturas das Obras Agostinianas

<i>Conf.</i>	Confissões
<i>Contra acad.</i>	Contra os acadêmicos
<i>De beat. Vita</i>	Sobre a vida feliz
<i>De civ. Dei</i>	Sobre a cidade de Deus
<i>De lib. arb.</i>	Sobre o livre arbítrio
<i>De mag.</i>	Sobre o Mestre
<i>De Trin.</i>	Sobre a Trindade
<i>Ep</i>	Epístola
<i>Sol.</i>	Solilóquios

Obs: todos as citações de autores estrangeiros ao longo do texto são de tradução minha.

ABSTRACT

Our research shows the man's necessity to know his soul and search for God to reach the truth knowledge displayed by Saint Augustin. We will see that, as this philosopher said, the soul understanding occurs through the auto-reflection and it must happen before God's comprehension. As the 'Augustin' thoughts, God's and the Truth's comprehension must be the reason of all human beings existence. Then, we can considerate that "regressum a Deo suo" is what the author considers the most valuable and necessary for the individual, therefore, according to it, it is the only way that man can participate on Truth's revelation. In this way, we analyze how close is the relation between the soul's understanding and God's understanding and comprehend man's possibility to know the Truth through God's understanding. In the Augustin Knowledge's Theory, it is developed the problem of man's understanding and soul's understanding, setting out the three intuitions of the spirit of the man as being the exterior sense, the interior sense and the reason. His proposal is that the man can understand more about himself through the comprehension of his nature. With the develop to the terms of Truth's and Happiness', Saint Augustin shows the human efforts searching the evidence to the existence of something, which is eternal and immutable. With this intention, he affirms that, as the man is a perceptive person, as the written above, in agreement displayed in the theory of knowledge, and, by know about the existence of something eternal – that verifies the existence of the Truth, he will have something eternal within himself, therefore, know the God who inhabits his interior. It is for the Divine Mercy that man will achieve the grace of God and His relief. The search of God's understanding should be after man's comprehension of his own nature. By the auto-reflection, the man understands himself and by the interiorization discovers that will only find happiness in God. We will see that through the contemplation of God, Truth reveals itself to the man and then, he has the chance of finding the happiness, so longed for all the human beings.

RESUMO

Nossa pesquisa mostra a necessidade exposta por Santo Agostinho do homem conhecer sua alma e buscar a Deus para alcançar o conhecimento da Verdade. Veremos que, segundo este Filósofo, o conhecimento da alma se dá através da auto-reflexão e deve ser anterior ao conhecimento de Deus. Conforme o pensamento agostiniano o conhecimento de Deus e da Verdade devem constituir o motivo da existência de todos os seres humanos. Assim, podemos considerar o “*regressum a Deo suo*” o que o autor considera de mais valioso e necessário ao indivíduo, pois, segundo ele, é a única forma que o homem possui de participar da revelação da Verdade. Desta forma analisamos a *estreita relação* entre o conhecimento da alma e o conhecimento de Deus e para compreendermos a possibilidade do homem conhecer a Verdade através do conhecimento de Deus. Na teoria do Conhecimento Agostinho desenvolve o problema do conhecimento do homem e do conhecimento da alma, explicitando as três intuições do espírito do homem como sendo o sentido exterior, o sentido interior e a razão. Sua proposta é que o homem compreenda mais de si mesmo através da compreensão de sua natureza. Com o desenvolvimento dos temas da Verdade e da Felicidade Agostinho demonstra o esforço humano em busca da comprovação da existência de algo eterno e imutável. Com esta intenção ele afirma que, por ser o homem um ser perceptivo, conforme exposto na teoria do conhecimento, e, por saber da existência de algo eterno - que comprova a existência da Verdade, o homem necessita ter em si algo eterno, portanto, conhecer ao Deus que habita em seu interior. É pela Misericórdia Divina que o homem consegue alcançar a graça de Deus e seu auxílio. Ainda, a busca do conhecimento de Deus deve ser antecedida da compreensão pelo homem de sua própria natureza. Pela auto-reflexão o homem se compreende e pela interiorização descobre que somente encontrará felicidade em Deus. Veremos que é através da contemplação de Deus que a Verdade revela-se ao homem e ele tem então a chance de encontrar a felicidade, tão almejada por todo ser humano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. AGOSTINHO E A BUSCA PELO CONHECIMENTO DE DEUS.....	15
1.1 A Conversão.....	20
2. O CONHECIMENTO DA VERDADE PELA INTERIORIZAÇÃO DO HOMEM EM DEUS.....	28
2.1 Fé e razão.....	29
3. TEORIA DO CONHECIMENTO.....	36
3.1 Os sentidos exteriores.....	38
3.2 O sentido interior.....	42
3.3 A razão.....	46
3.4 A teoria da Iluminação.....	46
4. A FELICIDADE E A VERDADE.....	51
4.1 A condição da felicidade.....	51
4.2 Sobre a verdade.....	54
4.3 A Misericórdia Divina.....	58
5. DEUS E O HOMEM.....	63
5.1 Sobre a natureza do homem.....	63
5.2 Sobre Deus.....	69
5.3 A felicidade do homem em Deus.....	75
5.4 Uma doutrina fundada na experiência da vida.....	80
6. A REVELAÇÃO DA VERDADE PELA CONTEMPLAÇÃO DE DEUS.....	86
CONCLUSÃO.....	94

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
---------------------------------	----

ADENDO

Introdução Biográfica de Santo Agostinho / O Método Agostiniano

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho trata da relação entre a verdade e o conhecimento em Santo Agostinho e da forma de conhecer a verdade, segundo este autor, pela auto-reflexão do homem em Deus. O objetivo desta dissertação é o de expor a relação entre o conhecimento de Deus e o conhecimento da verdade e a hipótese sobre a qual nos apoiaremos é a do conhecimento da verdade pela interiorização do homem em Deus.

Para argumentação e exposição sobre a auto-reflexão do homem em Deus e sobre o conhecimento da alma, faremos uma análise da ‘teoria do conhecimento’. Sobre a busca do conhecimento de Deus exporemos os temas da verdade e felicidade e o tema da Misericórdia Divina. Para boa consecução da dissertação desenvolveremos os problemas correlatos da ilusão dos sentidos, da fé e da racionalidade do ser, por concluirmos pertinentes à satisfatória exposição da problemática.

Na construção desta dissertação tentamos ao máximo nos ater aos textos originais de Santo Agostinho, pois eles constituem alicerce da filosofia cristã antiga e por acreditarmos serem rico material de discussão filosófica e teológica. Ainda, porque os Textos Patrísticos apontam soluções originais e satisfatórias aos mais distintos problemas filosóficos, por serem fonte inesgotável de sapiência.

Além do livro *Confissões* e de outras obras do autor, analisamos textos de alguns dos intérpretes e comentadores da obra de Santo Agostinho, de suma importância para o desenvolvimento e argumentação do trabalho.

Santo Agostinho é considerado um filósofo importante por haver tratado com conhecimento e erudição diversos temas da filosofia. O estudo de seus escritos e a modesta

interpretação que pretendemos fazer se ampara em necessidades sempre atuais do ser humano e em questões sempre recentes, por serem constantemente reiteradas na alma humana.

Por tratar de assuntos filosóficos sempre atuais Santo Agostinho foi e continua sendo um filósofo muito estudado e, mesmo tendo seus escritos interpretados durante séculos, muito resta por compreendermos de sua imensa e profunda obra. A seu respeito encontramos a brilhante afirmação de Pablo Vega:

Santo Agostinho não somente possuía uma inteligência capaz da mais alta especulação, senão ademais a rara e genial aptidão de um espírito que sabe escutar a vida do próprio pensamento e ao mesmo tempo a ação inefável que leva a cabo a Verdade divina ao comunicar-se com a mente do homem ¹.

Ainda que a forma de escrever de Santo Agostinho seja simples, ou seja, pelo fato do autor ter seus textos elaborados em linguagem muito acessível, não podemos negar a sua obra a intensa profundidade filosófica que lhe é peculiar. Os textos agostinianos têm uma imensidão de significados, e, trazem tais significados à claridade do entendimento àqueles que sabem ler também em suas entrelinhas e àqueles que se dispõem a aprofundarem-se nos ensinamentos, seja intelectual ou interiormente.

A fim de lograr a consecução do trabalho a que nos propusemos na referida pesquisa, ou seja, de compreender a interiorização do homem como pressuposto de conhecimento de Deus e da verdade, partiremos dos seguintes pontos: desenvolvimento dos temas da fé e da razão, exposição da 'teoria do conhecimento' e explanação dos temas da verdade e da felicidade.

¹ VEGA, Pablo Nunes. **Introducción a la Síntesis de San Agustín**. Quito. 1981. 2ª ed. Ediciones de la Universidad Católica, Pág. 36. '*San Agustín no solamente poseía una inteligencia capaz de la mas alta especulación, sinó además la rara y genial aptitud de un espíritu que sabe ascultar la vida del propio pensamiento y al mismo tiempo la acción inefable que lleva a cabo la Verdad divina al comunicarse a la mente del hombre*'.

1. AGOSTINHO E SUA BUSCA PELO CONHECIMENTO DE DEUS

Para iniciar esta dissertação discorreremos sobre a forma como Santo Agostinho buscou conhecer a Deus e o caminho que trilhou para esta busca. Durante a primeira parte de sua vida Agostinho foi um grande estudioso, sempre procurando na filosofia respostas para suas inquietações. Ainda no início da fase adulta, antes de sua conversão, por motivo de angustiantes questões existenciais, chegou a aderir à doutrina maniqueísta, onde estudou e desfrutou os ensinamentos maniqueus.

O maniqueísmo é uma seita gnóstico-cristã que prega a existência ontológica do bem e do mal como sendo os dois princípios eternos opostos. Constatamos um exemplo do dilema da oposição entre os princípios do bem e do mal quando vemos a doutrina maniqueísta, preocupada em justificar a existência do mal numa terra criada por um Deus Bondoso, tentar isentar a este Deus pela responsabilidade do mal. Conforme o texto de Nunes Costa:

Tentando responder a tal dilema, os maniqueus vão construir uma doutrina que isente Deus de toda responsabilidade pelos males existentes no universo e no homem pelas maldades praticadas individualmente. Isso significa dizer que, na doutrina maniqueísta, o problema do mal centrava-se em Deus, ou seja, Deus, autor do Bem, não pode ser causa do mal².

Mas a complicação ainda não está completa, pois a doutrina maniqueísta é composta de uma mitologia cosmológica maniqueísta, denominada 'teologia solar'. De acordo com esta mitologia Mani foi visitado por um anjo mensageiro do Reino da Luz e a partir de então passou a se autodenominar enviado de Jesus Cristo. Sobre essa doutrina nos elucidamos satisfatoriamente o Professor Nunes Costa:

² COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimaniqueísta de Santo Agostinho**. Porto Alegre: Edipucrs, Unicap. 2002. Pág.59.

A mitologia maniquéia também chamada “teologia solar”, apresenta-se de forma trinitária, onde a história gnóstica do Salvador está dividida em três tempos, conforme fora revelada a Mani: “Eu sou o Paraclete” – diz Mani no *Saltério Maniqueu*, de Meinet Mâdi – “aquele que veio do Pai para revelar os três tempos: o início, o meio e o fim”³.

Nos tempos em que era adepto da doutrina maniqueísta Santo Agostinho foi um perseguidor dos seguidores da fé católica. Por não obter naquela doutrina as respostas que procurava, antes, encontrar nela somente crescentes incertezas, Agostinho acaba por abandonar esse ensinamento concluindo serem insatisfatórias as teorias apregoadas.

Mais tarde percebi a falsidade desta doutrina. Mas o que era certo para mim é que elas eram incertas, e que eu as tinha considerado certas, quando perseguia a fé católica com minhas cegas acusações. (*Conf.*, VI, 4).

Quanto às desconfianças que levaram-no a afastar-se do maniqueísmo, apontamos abaixo:

Segundo Trapè, tal desconfiança deu-se em quatro níveis: 1 - científico (dúvidas quanto ao caráter racional do maniqueísmo ou se neste havia uma supremacia da razão sobre a fé); 2 - escriturístico (falta de fundamentação científica quanto às críticas maniquéias as Sagradas Escrituras, principalmente ao Velho Testamento); 3 - metafísico (incoerências quanto a explicação do problema do mal); 4 - moral ou psicológico (hipocrisia quanto a vida ascética dos maniqueus). Ou seja, a crise maniquéia de Agostinho nascia da desconfiança ou do questionamento dos mesmos pontos que o levaram a abraçar o maniqueísmo.⁴

Passando a reconhecer as falhas daquele ensinamento, Agostinho constata que seus seguidores nada conheciam da verdade:

Pronunciavam continuamente tais nomes, que eram apenas sons e movimentos de lábios, mas seus corações eram vazios de

³ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.60.

⁴ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.123.

verdade. Repetiam: Verdade! Verdade! E me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidades... (*Conf., III, 6*).

Ainda sobre esta decepção, Agostinho apregoa: “Eu tinha fome de ti, e as iguarias que, ao invés de ti, me eram apresentadas, eram o sol e a lua, tuas belas criaturas, mas sempre criaturas...”. (*Conf., III, 6*). Pelas palavras do Professor Doutor Nunes Costa:

Se as grandes ciências gregas, especialmente a astronomia, com sua estrutura lógico-racional, não conseguem responder satisfatoriamente aos problemas naturais do universo e do destino do homem, menos ainda a resposta maniqueia, alicerçada num misticismo incoerente e contraditório⁵.

Cansado de se envolver com o que constatara ser apenas ilusão humana Agostinho interroga: “Onde estavas então? E como estavas longe de mim! Antes era eu que errava afastado de ti, ‘excluído até das bolotas que distribuía aos porcos’” (*Conf., III, 6*); estava tão frustrado que nem dos restos de alimentos que eram oferecidos aos animais sentia-se merecedor.

É através do Bispo Ambrósio que Agostinho tem um novo contato com as Escrituras Sagradas, primeiro um pouco receoso, depois mais habituado à prática da leitura e mais absorvido no estudo dos textos. No tempo em que conheceu Ambrósio, Agostinho ainda não estava convertido, e, por isso, relutava em ceder aos apelos da fé e em crer nas coisas do espírito que já se manifestavam em sua inteligência. As interpretações que escutou aumentaram o interesse agostiniano pelo estudo diligente destes textos e levaram-no a refletir sobre as coisas que havia feito no passado:

Alegrava-me também por ter aprendido a ler as antigas Escrituras da Lei dos Profetas, com interpretação diferente daquelas que antes me pareciam absurdas, quando eu acusava teus santos de terem fé em coisas nas quais realmente não acreditavam. (*Conf., VI, 4*).

⁵ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.125.

Deste modo sobre a conversão de Agostinho ao Cristianismo diz Nunes Costa:

As pregações de Ambrósio, se não levaram, de imediato, Agostinho à Igreja católica, lançaram luz sobre sua alma e, aos poucos, foram acabando com as dúvidas dos seus tempos de maniqueísmo e afastando-o de cair num novo erro, o ceticismo⁶.

Eram reiteradas as recomendações que Ambrósio fazia ao povo: meditar nas Sagradas Escrituras e buscar sempre ajuda em sua interpretação; segundo ele, nem sempre era aconselhável tomar o texto em seu sentido literal, necessitando realizar-se sobre eles alguns esclarecimentos. Assim afirmava: “a ‘letra’ mata, ‘mas o espírito comunica a vida’”.
(*Conf.*, VI, 4)

Nem tudo poderia, portanto, ser tomado ‘ao pé da letra’, ou seja, em seu sentido literal, mas, era mister que se fizesse uma interpretação do que havia sido lido e tal interpretação deveria ser feita por quem tivesse o discernimento para tal:

Removido o místico véu, esclarecendo-se espiritualmente passagens que, tomadas ao pé da letra, pareciam ensinar o mal. Nada ele dizia que eu não pudesse aceitar, embora ainda não estivesse certo de que as palavras dele eram verdadeiras. (*Conf.*, VI, 4).

Escutando os sermões de Ambrósio, Agostinho definitivamente se convenceu da falsidade dos ensinamentos maniqueístas, começou a refletir sobre a origem do mal e sobre a realidade que é Cristo; resolveu então abandonar os maniqueus e procurar respostas a suas inquietações noutros lugares, entretanto, ainda não estava completamente convertido ao Cristianismo:

Do ponto de vista religioso, as pregações de Ambrósio causaram grandes mudanças no coração de Agostinho, se bem

⁶ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.139.

que ainda não estava totalmente convertido ao Cristianismo. Teria de esperar mais um pouco, passar por outras experiências, até o momento final.⁷

Foi após abandonar o maniqueísmo que Santo Agostinho iniciou, através dos textos de Plotino e Porfírio, o estudo do neoplatonismo. Apesar de já muito inclinado à conversão católica, Agostinho ainda necessitava respostas a algumas questões de sua alma, dúvidas que trazia dentro de seu coração: “Daí que, mesmo sendo “crente”, ele prefere adiar para mais tarde o momento de fazer uma profissão plena e aberta ao catolicismo, na espera de que todas as suas dúvidas sejam dissipadas”⁸.

Vimos que o contato agostiniano com a filosofia neoplatônica foi de grande valia no sentido de fortificar em Agostinho “as recentes aquisições advindas do pensamento de Ambrósio”⁹. Desde então, tal filosofia o influenciou em toda sua vida, tamanho o impacto que lhe causou:

Afora as controvérsias se Agostinho leu Plotino ou Porfírio ou ambos, e ainda estes e mais outros, o certo é que o choque que experimentou Agostinho em seu contato com o neoplatonismo foi tão poderoso, que não só o seu espírito foi esclarecido e seu pensamento transformado, senão que, desde então e por toda sua vida, as teorias neoplatônicas estiveram sempre na base de sua própria doutrina¹⁰.

Assim, foram de capital importância na conversão de Agostinho, tanto os sermões do Bispo Ambrósio, quanto o estudo das obras neoplatônicas. Sob estas duas influências que Agostinho se convenceu sobre os erros dos ensinamentos maniqueus e esteve cada dia mais propenso a acreditar nas Sagradas Escrituras:

Os sermões de Ambrósio e as leituras neoplatônicas haviam dissipado certos danos intelectuais causados pelo maniqueísmo

⁷ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.151.

⁸ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.152.

⁹ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.157.

¹⁰ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.156.

e ceticismo. Agostinho estava cada vez mais inclinado a aceitar as verdades do Cristianismo¹¹.

1.1 A conversão

Agostinho jamais desanimou de conhecer a verdade e alcançar sua compreensão. Sabia que existia algo maior do que aquilo que os sentidos humanos podiam experimentar e almejava este algo; queria compreender as coisas espirituais, ainda que de tais coisas tivesse apenas concepções humanas.

Não era eu tão insensato a ponto de julgar que mesmo essa verdade fosse incompreensível; queria ter, a respeito de todo resto, a mesma compreensão que tinha sobre isso, tanto em relação às coisas corpóreas não atingidas pelos sentidos, quanto em relação às espirituais, que eu só podia conceber em termos materiais. (*Conf., VI, 4*).

Agostinho era aparentemente um homem comum, padecedor das alegrias e dificuldades que vivemos todos. No entanto, estava decidido a sanar a angustia em que vivia sua alma, sedenta por conhecer a verdade. Entretanto, os desejos carnis e o orgulho intelectual ainda o impediam de trilhar com êxito o caminho que o levou, mais tarde, a encontrar o que buscava.

Uma pessoa de grande importância na conversão de Agostinho foi Simpliciano, pai 'baptista' de Ambrósio, monge e confessor espiritual. Agostinho tinha-lhe imenso respeito e admiração e sempre recorria a ele para escutar conselhos de suas sábias palavras, como podemos comprovar na passagem abaixo:

Ao encontrar Simpliciano, Agostinho contou-lhe acerca das importantes descobertas que fizera ao ler os escritos

¹¹ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.195.

neoplatônicos, mas revelou-lhe que continuava inquieto e angustiado. Este reforçou o mérito dos neoplatônicos, mas chamou-lhe a atenção para um grave erro: o orgulho (soberba) ou presunção de saber por parte desses¹².

Simpliciano contava com incomensurável respeito de Agostinho e foi quem acabou por encaminhá-lo na caridade, base da humildade de coração; além de aconselhá-lo a ler as Sagradas Escrituras:

No final da conversa, Simpliciano, percebendo ser necessário que Agostinho se munisse daquela caridade em que se baseia o fundamento da humildade, quer dizer, Jesus Cristo, para se chegar à verdade, recomenda-lhe ler as Sagradas Escrituras¹³.

Foi em meio a batalha interior que Agostinho vivia, desacreditado do maniqueísmo, comprovando a si insuficiente a filosofia platônica e inclinado a conversão católica, que acabou encontrando um amigo a despertar-lhe para novas dúvidas. Estas dúvidas eram voltadas aos motivos da existência do homem na terra e do trabalho que realiza e constituíram mais uma alavanca motivadora nas buscas agostinianas.

Numa ocasião, Agostinho ouviu da boca do amigo chamado Ponticiano, o relato de sua conversão. Conforme narrou, Ponticiano estando em Tréveris na companhia de um amigo, entrou em contato com um livro, este livro contava a história da vida de Antão e, era de tal forma comovente, que, foram impressionantemente arrebatados por sua leitura e levados à conversão.

De repente, tomado de amor sobrenatural e honesta vergonha, irado consigo mesmo, fixou os olhos no amigo e perguntou-lhe: “Diga-me, onde pretendemos chegar com todos os nossos trabalhos? O que buscamos? A que causa servimos? (...) Lia, e no seu íntimo realizava-se uma transformação que só tu notavas; e seu espírito despojava-se deste mundo, o que desde logo se tornou evidente. (*Conf., VIII, 6*).

¹² COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.196.

¹³ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág. 197.

Ciente de que aquele que se afastou de Deus foi o homem e que este jamais o abandonou, Ponticiano conclui: “Mas se quiser ser amigo de Deus, eu posso ser imediatamente”. (*Conf., VIII, 6*). E declarou àquele que o acompanhava: “Rompi com todos os nossos sonhos e resolvi seguir a Deus a partir deste momento, no lugar onde me encontro. Se recusas imitar-me ao menos não te imponha ao meu desejo”. (*Conf., VIII, 6*). O também amigo e acompanhante de Ponticiano resolveu segui-lo naquela missão, e, Agostinho pode testemunhar a conversão daqueles dois, que tudo renunciaram pela causa divina. “E os dois agora teus, e a tudo renunciando para te servir, começaram a construir a torre da salvação com capital suficiente”. (*Conf., VIII, 7*).

Tais fatos causaram muitas reações no espírito de Agostinho: “E tu Senhor, enquanto ele falava, me fazias refletir sobre mim mesmo tirando-me da posição de costas, em que eu me havia colocado para não me enxergar a mim mesmo”. (*Conf., VIII, 7*).

Agostinho estava convicto de que permanecia em obscuridade e erro, dividido pelo desejo por coisas materiais e efêmeras e confundido por seus anseios: “Acreditava que a falta de uma diretriz certa a orientar-me os passos fosse a razão pela qual adiava, de dia para dia, o momento de seguir unicamente a ti, desprezando as promessas do mundo”. (*Conf., VIII, 7*).

Quando começou a perceber o motivo de seu erro constatou que ele residia em sua própria fragilidade, ou na incapacidade de eleger o que era bom para sua vida: “Tinha a certeza de que, sempre que decidia querer ou não querer uma coisa, era eu e não outro quem queria, e via cada vez melhor que aí estava a causa de meu pecado”. (*Conf., VII, 3*).

Tomando consciência de que era a imaturidade de seus desejos que o tornava incapaz de bem escolher, agonizava perdido nas trevas de seu mutante pensamento, até que um dia vem a perceber o quanto de mal causava a si mesmo. Conforme relata:

Voltei-me para dentro de mim. Que coisas não proferi contra mim mesmo! Com que açoites de pensamento não flagrei minha alma, para que me seguisse nos esforços que fazia para ir atrás de ti! Mas ela, retinente ao mesmo tempo se recusava e não se desculpava. Os argumentos estavam esgotados, todos refutados; restava apenas uma perturbação muda. (*Conf., VIII, 7*).

E com a luta que se travava no interior daquele homem começaram as mudanças. Padecia por ter de deixar as coisas e pensamentos que sempre o acompanharam, entretanto, sabia que nada podia ser feito contra o que ocorria pois, a vontade de Deus já se fazia manifesta nele, agindo em seu íntimo segundo vontade própria: “...ninguém podia interferir na luta violenta que travava comigo mesmo, e cujo resultado nem eu mesmo conhecia, somente tu”. (*Conf., VIII, 6*).

Com o passar do tempo Agostinho percebe que o caminho que conduz a Deus não era outro, senão, o da volição humana que necessita ser brava e corajosa na direção em que se propõe: “Com efeito, ir ou chegar junto a ti não é senão um ato de querer ir, mas com vontade forte e plena, e não titubeante e ferida, numa luta da parte que se ergue contra a parte que fraqueja” (*Conf., VIII, 8*).

Assim, notou em seu próprio corpo que queria converter-se à Deus. “Eu fremia de violenta indignação contra mim mesmo, por não ceder à tua vontade e à aliança contigo, meu Deus, pela qual todos os meus ossos clamavam, elevando louvores aos céus”. (*Conf., VIII, 8*). Agostinho percebeu quanto tempo incidira em erro quando compartilhava do ideal maniqueu e estava convencido de que naquele tempo era habitado pelo pecado: “Não era eu que praticava a ação, mas o pecado que habitava em mim”. (*Conf., VIII, 8*). E envergonhou-se de ter corroborado com a promoção do orgulho e da miséria humana, que, iludidos, pensam ter a mesma natureza que Deus e que acabam por afundar o homem cada vez mais em sua própria ignorância: “Enquanto desejarem ser luz em si mesmos e não no Senhor, julgando ser a natureza da alma idêntica a de Deus, tornam-se trevas cada vez mais densas”. (*Conf., VIII, 10*).

As tentativas de manter-se reto na busca pela conversão eram cada vez mais constantes: “Fazia outra tentativa igual a anterior, um pouco mais e lá estaria; um pouco só e logo atingiria a meta. Mas ainda não estava lá, nem a tocava, hesitava em morrer para a morte, em viver para a vida”. (*Conf., VIII, 2*). Já neste momento tentava com todas as forças direcionar-se para Deus, mas as paixões ainda se manifestavam verdadeiramente ditadoras prendendo-o às insignificâncias do gozo de sua carne.

Ficava preso às mais insignificantes bagatelas, às vaidades das vaidades, minhas velhas amigas que me solicitavam a natureza carnal, murmurando: ‘Tu nos vais abandonar? Mas já se reduzia a menos da metade o número de vezes que eu lhes dava ouvidos’. (*Conf., VIII, 10*).

E podia perceber o outro caminho que se abria à sua frente. Era a continência dos seus sentidos que se mostrava como consoladora de seus erros e parecia sussurrar-lhe palavras nas quais Agostinho desta forma traduz: “Fecha os ouvidos às tentações imundas da tua própria carne que te prendem à terra, e deixa que elas pereçam. Elas te oferecem prazeres que vão contra a lei do Senhor teu Deus”. (Sl.112.9). (*Conf., VIII, 11*).

Era uma luta que se travava no espírito daquele homem; o que ele diz é que “era uma luta de mim contra mim mesmo”. (*Conf., VIII, 11*). Quando queria sustentar-se em sua própria fraqueza a continência parecia zombar dele então Agostinho sentia como se ela risse de seus esforços, desta maneira lhe rendia exortações:

Não poderás tu fazer o mesmo que fizeram estes e aquelas? Foi por ventura pela própria força que fizeram, ou por virtude de seu Deus e Senhor? Foi o Senhor Deus que me entregou a eles. Porque queres apoiar-te em ti mesmo ficando sem apoio? Lança-te nele e não temas. Ele não fugirá de ti e não cairás. Atira-te sem reservas e ele te receberá e te curará. (*Conf., VIII, 12*).

Aprendeu, então, com esta voz tão sábia que brotava de seu interior, que estava incidindo em erro quando depositava a esperança de mudança em suas próprias forças. Compreendeu que não estava nele a capacidade de vencer os grilhões da carne, senão que, no poder de Deus que poderia manifestar-se em todo aquele que veemente desejasse.

A continência em tudo tinha parte, ela era manifestação da força divina voltada a redirecionar o homem. Aos poucos Agostinho foi compreendendo o que estava ocorrendo; a mudança estava em seu ápice e acabou por verter em lágrimas suas angústias. “Quando estas severas reflexões me fizeram emergir e expuseram toda minha miséria à contemplação do coração, desencadeou-se uma grande tempestade portadora de copiosa torrente de lágrimas”. (*Conf., VIII, 12*).

Agostinho almejava a contenção dos sentidos, entretanto, não era forte o suficiente para lográ-la por força própria: “Em meio a tantos conflitos interiores, Agostinho desesperado, fez diversos movimentos corporais. Mas, nada resolvia pois o problema não estava no corpo, mas na alma, na vontade. Era a guerra entre duas vontades: servir a Deus ou aos desejos da carne”¹⁴. Sobre essa luta, encontramos ainda as palavras de Nunes Vega: “O mistério da alma, segundo a psicologia de suas *Confissões*, nasce destes secretos movimentos da alma que em um sentido parecem subir e aproximar-se infinitamente da Verdade mesma, enquanto em outro parecem descer e aproximar-se do nada e suas sombras”¹⁵.

Na ocasião de sua conversão Agostinho estava passeando no jardim com seu amigo Alípio, afastou-se deste e foi deitar-se embaixo de uma figueira onde pode livremente dar vazão a seus sentimentos. O coração amargo e oprimido clamava a Deus por piedade: “E tu Senhor, até quando? Até quando continuarás irritado? Por quanto tempo, por quanto tempo

¹⁴ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.209.

¹⁵ VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág. 58. ‘*El misterio del hombre, según la psicología de su Confesiones, nace de esos secretos movimientos del alma que en un sentido parecen subir y aproximarse infinitamente a la Verdad misma, mientras en otro parecen descer y acercarse a la nada y sus sombras*’.

direi ainda amanhã? Porque não agora? Porque não por fim a minha indignidade?”
(*Conf., VIII, 12*).

E neste exato momento escuta a voz de uma criança vinda da casa vizinha que dizia “Toma e lê, toma e lê”; Agostinho recordou que desta maneira havia ocorrido a conversão de Antão, tendo sido orientado pelas palavras de um livro. Assim, reprimiu as lágrimas e voltou para o local onde estava com Alípio, abriu aleatoriamente o texto das Escrituras Sagradas que ali se encontrava e leu apenas as primeiras palavras do capítulo que abria.

Em tais palavras constava: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus e não procureis satisfazer os desejos da carne”.(Rm 13,13s). (*Conf., VIII, 12*). Tomou estas palavras como sendo o socorro de Deus em auxílio a sua angústia, não precisava ler mais nada, sentiu que aquele era o sinal que necessitava e era-lhe algo mais que suficiente.

Alípio pediu que lhe mostrasse o que havia lido, vendo o texto, seguiu a leitura que rezava ‘acolhei o fraco na fé’, Agostinho, porém, não escutava o que seu amigo dizia meditando nas palavras que ele próprio recebera; e, com relação àquelas palavras afirmou: “Não quis ler mais, nem era necessário. Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da dúvida, como se penetrasse em meu coração uma luz da certeza”.
(*Conf., VIII, 12*).

E, desta maneira deu-se a conversão de Santo Agostinho. O amigo Alípio tomou para si as palavras que seguiram no texto e, com Agostinho, firmou seu propósito. Ao voltarem para casa contaram a Mônica, mãe de Agostinho, o que havia ocorrido e ela mostrou-se radiante com o que os ouvira relatar. Em seguida, conforme o entendimento de

uma pessoa que é abençoada e aberta às graças divinas ela exclamou triunfante, bendizendo ao Senhor: “és poderoso, além do que dizemos ou pensamos”. (*Conf., VIII, 12*).

A conversão de Agostinho deu-se tão forte e poderosamente que ele afastou-se dos trabalhos terrenos para servir a Deus na figura dos irmãos, dizendo que havia transformado sua tristeza em alegria, não apenas a alegria que lhe era desejada por sua mãe, mas, “alegria muito maior do que ela havia desejado, e muito mais preciosa e pura do que ela poderia esperar dos netos nascidos da minha carne”. (*Conf., VIII, 12*).

2. O CONHECIMENTO DA VERDADE PELA INTERIORIZAÇÃO DO HOMEM EM DEUS

O conhecimento da verdade, segundo Santo Agostinho, pode ser obtido por meio da auto-reflexão feita pelo homem e de sua interiorização em Deus. Para que possamos compreender a possibilidade do homem conhecer a verdade segundo o Filósofo, não podemos nos omitir do estudo do conhecimento de Deus.

Vamos perceber que para o conhecer a verdade o homem deve primeiro buscar o conhecimento de Deus e fazê-lo iniciando o trabalho em seu interior. Entretanto, para poder acercar-se do conhecimento de Deus o homem deve antes buscar conhecer a si mesmo e a sua alma.

É pelo caminho do conhecimento de Deus e do conhecimento de sua própria natureza, tais sejam, da interiorização e da auto-reflexão, que o homem pode lograr conhecer a Deus e acercar-se do conhecimento da verdade. Como afirma García-Juncenda: “Dois problemas inquietam ao filósofo, um concernente à alma e o outro concernente à Deus. Se o primeiro nos conduz ao próprio conhecimento, o segundo nos conduz ao conhecimento de nossa origem”¹⁶.

Segundo Victorino Capanaga, o progresso do homem à verdade deve inicialmente ocorrer com a iluminação deste por Deus e esta iluminação só ocorrerá após a interiorização do homem pela auto-reflexão:

Com a pureza vem a iluminação e o progresso no conhecimento das verdades superiores, o sabor das coisas do céu. A luz espiritual embute dois segredos: o de Deus e o da alma,

¹⁶GARCÍA-JUCENDA, J. Antonio. **La cultura cristiana y san Agustín**. Madrid: Ed. Cincel. 1988. Pág. 136. *‘Dos problemas inquietan al filósofo, uno concerniente al alma y el otro concerniente a Dios. Si el primero nos conduce al propio conocimiento, el segundo nos conduce al conocimiento de nuestro origen’*.

respondendo a grande ânsia agostiniana: *conheças a mim, conhecerás a ti*¹⁷.

Mas o que o homem deverá buscar primeiro: conhecer a si mesmo ou conhecer a Deus? É o enlace destes dois conceitos agostinianos, quais sejam, o do conhecimento da alma humana e do conhecimento de Deus, que guiam o homem rumo ao conhecimento da verdade: “Na ordem natural do conhecer humano, a primazia temporal recai no conhecimento do homem, no conhecimento da alma, já que através dela podemos chegar à Deus”¹⁸.

A compreensão de Deus se dá posteriormente ao conhecimento pelo homem de sua alma. Assim, primeiramente deve dar-se no homem a auto-reflexão, em seguida sua interiorização em Deus para, conseqüentemente, ocorrer seu encontro com a verdade: “Não queiras derramar-te fora, entra dentro de ti mesmo, porque no homem interior reside a verdade”¹⁹.

2.2 Fé e razão

Existem para Agostinho dois processos ou meios do homem alcançar o conhecimento da verdade: a fé e a razão. Embora a fé preceda a razão, ambas são interconectadas e inseparáveis. Na Filosofia Agostiniana fé e razão são os elementos

¹⁷CAPANAGA, Victorino. **San Agustín: Semblanza biográfica**. Madrid: Ed.Styviym,1954, pg.96. ‘*Con la pureza viene la iluminación y el progreso en le conocimiento de las verdades superiores, el sabor de las cosas del cielo. La luz espiritual embiste dos secretos: el de Dios y el del alma, respondiendo al gran anhelo agustiniano: conózcame a mi, conózcate a ti*’.

¹⁸GARCÍA-JUCENDA, J.Antonio. 1988, pg.124. ‘*En el orden natural del conocer humano, la primacía temporal recae en el conocimiento del hombre, en el conocimiento del alma, ya que a través de ella podemos llegar a Dios*’.

¹⁹Idem Ibidem, pg.123. ‘*No quieras derramarte fuera; entra dentro de ti mismo, porque en el hombre interior reside la verdad*’.

necessários ao homem em sua busca da verdade. Entretanto, qual das duas seria mais necessária ao homem nesta busca? Segundo Juan Pegueroles, “o primeiro passo para chegar a verdade, uma vez provado que existe, o dá a fé, não a razão”²⁰. Para Michele Sciacca o homem necessita de ambos os dons, tanto o da fé quanto o da razão, para que alcance contemplar a Verdade: “Ao homem, para possessão da verdade, não lhe basta somente a razão, é necessária também a fé”²¹.

Em toda sua vida Agostinho invocou frequentemente a frase “*Nisi crideritis, non intelligentis*” (*De Mag. XI, 37*) que significa: ‘se não creres, não entenderás’. Este axioma é sem dúvida uma expressão fundamental na doutrina agostiniana, provindo do texto bíblico de *Isaias 7,9*. Sabe-se que este texto, assim formulado, é incorreto e acha-se somente na versão grega Setenta. A Vulgata, mais correta, conforme o original hebraico reza: “*si non credideritis, non permanebis*”; que diz: ‘se não creres não subsistireis’. Conhecedor das duas versões Agostinho costumeiramente aceitava a ambas, entretanto, a versão por ele utilizada na obra *O Livre Arbítrio* foi a primeira.

O objetivo da utilização da máxima “*Nisi crederitis, non intelligetis*” era, entre outros, o de demonstrar a inevitável conexão entre a fé e a razão, que, apesar de distintos, são para o autor, conceitos conectos e interdependentes, como podemos comprovar pelas palavras de Michele Sciacca:

Não existe em Agostinho o problema abstrato do acordo ou oposição entre fé e razão, senão a unidade concreta, vivente, de uma e outra na vida cristã, de que fé e razão são dois elementos constitutivos. Não uma razão presunçosa nem uma fé cega, senão uma razão que se dobra a autoridade e uma fé que ilumina a razão²².

²⁰ PEGUEROLES, Juan. **El pensamiento filosófico de san Agustín**. Barcelona: Editorial Labor, 1972. Pág. 15. ‘*El primer paso para llegar a la verdad, una vez probado que existe, lo da la fe, no la razón*’.

²¹ SCIACCA, Michelle. **San Agustín**. Barcelona: Editor Luis Miracle. 1955. Pág. 302. ‘*Al hombre, para posesión de la verdad, no le basta solo la razón; le es necesaria también al fe*’.

²² SCIACCA, Michelle. 1955. Pág.314. ‘*No existe en Agustín el problema abstracto del acuerdo u oposición entre fe y razón, sino la unidad concreta, viviente, de una y otra en la vida cristiana, de la que fe y razón son dos*

Para Agostinho não existe compreensão sem que haja fé no que é compreendido:

Com efeito, se crer fosse uma coisa e compreender outra, e se não devêssemos primeiramente, crer nas sublimes e divinas verdades que desejamos compreender, seria em vão que o profeta teria dito: ‘se não o crederdes não entendereis’. (Is 7,9, na LXX). (*De lib.arb.II,2*).

A fé tem que ser anterior à razão, a fé passa a ser, portanto, prerrogativa da capacidade de entender: ‘se não crederdes não entendereis’, pressupondo indispensavelmente a necessidade de crer como prerrogativa de entender.

É a partir da fé que se inicia o processo de conhecimento e dela se segue o entendimento que é, segundo Agostinho, uma forma complementar de conhecer que se dá por meio da razão. A fé nos faz “hábeis para entender o que cremos... e suportar e receber a luz da suprema razão”. (*Ep.120*). A razão é posterior à fé no processo de conhecimento, pois pela fé inicia-se no homem o processo de conhecer.

Vimos que, para Santo Agostinho, o fato da razão vir depois da fé não quer dizer que seja inferior àquela. Nas palavras de Juan Pegueroles:

O método agostiniano, em seus elementos essenciais, reza: crer para entender; a autoridade primeiro, a razão depois. Queres entender? Crê... Se não podes entender, te repito, crê. Não pretendas entender para crer; senão crê, para entender. Se quer alcançar a verdade, a filosofia tem que operar depois e dentro da fé²³.

Também sobre esta ligação ou interdependência, emenda o autor supra citado:

O método de santo Agostinho, como vimos, é um equilíbrio ou, se quiser, uma tensão entre dois pólos: o esforço incontido de saber e a necessidade prévia de crer. Não é agostiniano

elementos constitutivos. No hay una razón presuntuosa ni una fe ciega, sino una razón que se doblega a la autoridad y una fe que ilumina la razón’.

²³ PEGUEROLES, Juan. 1972. Pág.17. ‘*El método agustiniano, en sus elementos esenciales, reza: creer para entender; la autoridad primero, la razón después. Quieres entender? Cree... Si no puedes entender, te lo repito, cree. No pretendas entender para creer, sino cree para entender. Si quieres alcanzar la verdad, la filosofía tiene que operar después y dentro de la fe’.* (Ioan, 29,6/ Pl, 35, 1630).

evidentemente uma razão sem fé, uma fé autônoma. Mas também tampouco uma fé sem razão, sem filosofia.²⁴

Conforme a tradução de sua conhecida frase: “*Crede ut intelligas, intellege ut credas*”, “Crê para que a fé ajude o intelecto a entender; entende para que o intelecto procure a fé” (*De liv. arb., II, 2*). E, refletindo sobre esta frase, compreendemos a necessidade expressa pelo Filósofo de crer em algo, para que este algo possa ser conhecido.

O motivo pelo qual o homem deve acreditar para que por meio da fé lhe seja dada a capacidade de conhecer, se dá pelo fato de que este algo a ser conhecido é a meta almejada, e, tal meta não pode ser alcançada unicamente através da razão. A esse respeito encontramos as elucidativas palavras do Professor Moacyr Novaes Filho que apregoam:

Entender (inteligir) e crer estão ambos comprometidos com uma finalidade. Não trata-se meramente de entender e/ou crer para algum fim, isto é, para buscar ainda mais, para entender melhor, para que o conteúdo da fé seja perquirido ainda mais profundamente. Ao crer, imponho-me a tarefa de entender o conteúdo da fé²⁵.

O conteúdo da fé é aquilo no qual se acredita e, seja qual for o nome que se dê a esse algo no qual se acredita, ele está, por ser objeto da fé e a fé mesma, acima ou além do entendimento ou da razão. Comprovamos, portanto, que fé e razão não são na teoria agostiniana dois conceitos antagônicos, senão, convergentes; porque, segundo esta teoria, o homem não pode entender algo que anteriormente não tenha acreditado existir, ou seja, não pode compreender uma coisa que pensa que ‘não existe’.

De fato se não fosse uma coisa acreditar (por testemunho) e outra inteccionar, e se não se devesse primeiro acreditar (por testemunho) nas verdades superiores e divinas que esperamos a

²⁴PEGUEROLES, Juan. 1972, Pág. 24. ‘*El método de san Agustín, como se ha visto, es un equilibrio o, si se quiere, una tensión entre dos polos: el afán incoercible de saber y la necesidad previa de creer. No es agustiniano evidentemente una razón sin fe, una razón autónoma. Pero también tampoco una fe sin razón, sin filosofía*’.

²⁵FILHO, Moacyr Ayres Novaes. 1997. Pág.10.

intelecçionar, sem razão teria dito o profeta: se não acreditares, não entenderéis. Efetivamente, nem se pode dizer ter encontrado aquilo em que se acredita, mas é desconhecido (por intelecção), nem alguém se torna capaz de conhecer a Deus, se antes não acreditar (por testemunho) no que depois há de conhecer (por intelecção). (*De liv. arb.,II, 2*).

Segue-se que, quem não acreditar por testemunho nas verdades divinas e superiores jamais alcançará compreendê-las. Se não crer não compreenderá, isto porque, acorde aos argumentos agostinianos, o conceito de Deus é um pressuposto do saber amparado na necessidade de crer. Nas palavras de Garcia- Jucenda: “O entender, portanto, segue o crer. Mas, para que entender depois de crer? A fé não é entendimento; a fé só mostra o caminho e o prepara para que seja possível entender”²⁶. Assim a fé é o que assegura ou garante ao homem que logrará obter o almejado entendimento.

Mas, como alcançar ter fé? Numa passagem das *Confissões* Agostinho afirma que a fé provém da humildade e, uma das formas de adquirí-la é através da leitura e reflexão nos textos das Escrituras Sagradas:

Deste modo, quando teus livros me tivessem tornado humilde e as feridas me fossem curadas por tuas mãos benfazejas, eu conseguiria finalmente notar e distinguir meus próprios limites entre aqueles que vêm a meta a atingir, mas não enxergam o caminho que dá acesso nem o caminho que leva a pátria bem-aventurada, que precisa ser, não apenas contemplada, mas também habitada. (*Conf.,VII, 20*).

É pela leitura das Sagradas Escrituras, chamadas no texto por Santo Agostinho ‘teus livros’ que o homem teria, pelas mãos do próprio Deus, curadas as feridas e se tornado que crêem pelo fato de eles não somente serem ‘os que vêm a meta a atingir’, não apenas contempladores da pátria bem aventurada, mas também sabedores da possibilidade de habitá-la.

Porque nós, comuns seres mortais, teríamos o dever de acreditar ou ter fé? Segundo Sciacca: “Ter fé ou crer é próprio da natureza do homem, indispensável para nossa vida; não é, na realidade, algo excepcional exigido somente pela religião”²⁷. Já para Gabriel Riesco a fé não depende do desejo do homem e, junto com a razão, constitui dom de Deus: “A fé e a razão são dons outorgados por Deus ao homem para sua perfeição na verdade”²⁸.

A fé é, desta forma, dom divino que conduz o homem ao conhecimento de Deus. Quem tem fé na fé, não encontrou, todavia, busca o dom: encontrar-se com o entendimento, e, com a mente iluminada pela fé, conhecer a Deus.

E, comprovando árdua essa busca, Agostinho nos deu seu exemplo, conforme narramos aqui nas palavras de Victorino Capanaga: “Penitência e orações enriqueceram a vida de santo Agostinho, sendo sua tarefa assídua o estudo da Divina Escritura e meditação das verdades santas”²⁹.

Contudo, grande parte da filosofia agostiniana é resultado de sua busca por uma base racional para a fé cristã. A definição por ele utilizada da palavra razão (*ratio*) é dada por oposição ao psiquismo animal. Porque o homem possui a faculdade da razão, tem consciência de sua existência e de sua vida, por isso, quando afirma que o homem deve crer, ou ter fé, Agostinho não se refere a uma crença irracional em algo indefinido, senão, a um exercício bem fundamentado do qual somente um ser racional é capaz:

²⁶GARCIA-JUCENDA. 1988 humilde, podendo distinguir aqueles. Pág.115. ‘*El entender, portando, sigue al creer. Pero, para qué entender después de creer? La fé no es entendimiento; la fé solo mostra el camino y lo prepara para que sea posible entender*’.

²⁷SCIACCA, Michelle. 1955. Pág.36. ‘*Tener fé o creer es indispensable para nuestra vida; no es, en la realidad, algo excepcional exigido por la sola religión*’.

²⁸RIESCO, Gabriel. **El hombre en san Agustín**. Madrid: Imp.Juan Bravo. 1954. Pág.57. ‘*Fé y razón son dones otorgados por Dios al hombre para su perfección en la verdad*’.

²⁹CAPANAGA, Victorino. **Introducción a leitura de San Agustín**. Madrid. 1959. Pág.163. ‘*Penitencia y oración enriquecieron la vida de san Agustín, sendo su tarea asidua el estudio de la divina Escritura, la meditación de las verdades santas*’.

Segundo se vê a crença não é cega e sem motivos fundados, como a credulidade. Não uma fé qualquer, senão a fé bem fundamentada: crer quando se dão razões boas para crer³⁰.

³⁰ SCIACCA, Michelle. 1954, Pág.305. *‘Según se ve, la creencia no es ciega y sin motivos fundados, como la credulidad. No una fe cualquiera, sino la fe bien fundamentada: creer cuando se dan razones buenas para creer’.*

3. TEORIA DO CONHECIMENTO

É em sua ‘teoria do conhecimento’ que Santo Agostinho apresenta ao homem a possibilidade de conhecer mais sobre sua própria natureza e sobre sua alma, dando início a uma ascensão consciente em direção a Deus e objetivando encontrar a ‘prova da existência divina’. Na ‘teoria do conhecimento’ a existência, a vida e a razão humana são prerrogativas da capacidade do homem conhecer a Deus e são nomeadas por Santo Agostinho como as três intuições do espírito humano.

As questões que o homem se impõe, quais sejam: “quem sou eu? e como sou?” (*Conf., IX, 1*) são a comprovação de seu processo intelectual-racional; ou seja, propondo-se tais questões, o homem evidencia seu processo intelectual, sendo a atividade racional a principal intuição do espírito humano. Esta última forma de intuição do espírito, a razão, é que dá ao homem consciência de si mesmo, e é, segundo o Filósofo, o que nos diferencia das demais espécies vivas. Toda a ‘teoria do conhecimento’ privilegia o pensamento, a capacidade da razão manifestar-se como consciência cognoscente, característica exclusiva do ser humano.

Segundo dois respeitadores comentadores desta teoria, Philotheus Bohener e Étienne Gilson:

Estamos aqui em face de um acontecimento singular na história da filosofia. É pela primeira vez que nos deparamos com a prova da existência da consciência conhecente. Não só isso, Agostinho aprofunda a evidência desta verdade na existência do próprio sujeito que duvida, abalando assim o ceticismo pela raiz, isto é, pelo mesmo ato que lhe serve de fundamento³¹.

³¹ BOHENER, GILSON. **História da filosofia cristã: desde as origens**. Pág.156. 2ª Edição. Tradução de Raimundo Vier.

Não há saída: para aquele que não creia em nada, o próprio fato de não crer, ou seja, a mera existência daquele que intelecciona, é, segundo Santo Agostinho, prova incontestável da existência da consciência que se pensa, ou seja, da consciência que conhece.

Desta forma, de acordo com o Filósofo, o pensamento é a prova dele mesmo, porque, mesmo para duvidar é ainda necessário inteleccionar. E é em sua ‘teoria do conhecimento’ que Santo Agostinho apresenta o homem que, através da auto-reflexão conhece a si mesmo e a sua alma, dando início a sua ascensão a Deus e objetivando encontrar a ‘prova da existência divina’.

Se o homem tem a possibilidade de ascender a algo é necessário, por óbvio, que creia na existência deste algo a que irá ascender. De acordo com alguns dos comentadores de Agostinho, nos escritos deste Filósofo, não há separação entre o problema da existência de Deus e o problema do conhecimento: “Não se pode separar em santo Agostinho o problema da existência de Deus do problema do conhecimento”³².

Saber se existe a verdade e conhecer a verdade é um só e mesmo problema:

Delinear o problema do conhecimento da Verdade é, ao mesmo tempo, delinear o problema de sua existência: se a Verdade existe, e é conhecida pela mente em certo grau. Se a conhece, não se dá por si mesma, senão que é dada; a Verdade em si é Deus. Portanto, existe Deus, fonte de toda verdade, objeto único e supremo de toda forma de atividade espiritual e de espírito em sua totalidade³³.

Pela ‘teoria do conhecimento’ o homem conhece sobre si mesmo, e, utilizando-se do conhecimento obtido pode alcançar, por meio da fé e da razão, a prova da existência da verdade e a conseqüente prova da existência de Deus.

³² CAPANAGA. 1955. Pág.136. *No se pueden separar en san Agustín el problema de la existencia de Dios y el problema del conocimiento. Saber como alcanzamos la verdad y conocer la verdad es uno solo y el mismo problema*’.

³³ SCIACCA, Michelle. 1955. Pág.319. *Plantear el problema del conocimiento de la Verdad, es al mismo tiempo plantear el problema de su existencia: si la Verdad existe, y es conocida por la mente en cierto grado. Si la conoce, no se le da por sí, sino que es dada; la Verdad en sí es Dios. Por lo tanto, existe Dios, fuente de toda verdad, objeto único y supremo de toda forma de actividad espiritual y del espíritu en su totalidad*’.

Nesta teoria nos são apresentados três níveis ou três formas do homem conhecer, organizados hierarquicamente e considerados pelo autor como sendo as três intuições do espírito, realidades imanentes na compreensão do homem. De acordo com o filósofo essas três realidades ou intuições de espírito são a existência, a vida e a intelecção. Assim:

Por serem três as realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui senão uma ou duas delas. (*De lib. arb. II, 3*).

O único ser possuidor destas três realidades, ou seja, a existência, a vida e o entendimento é o ser humano, o único capaz de conhecer a Deus.

Portanto, acima da natureza que apenas existe, sem viver nem compreender, como acontece com os corpos inanimados - vem a natureza que não somente existe mas também vive, sem contudo ter a inteligência, como acontece com a alma dos animais; e por sua vez, em cima desta última vem aquela natureza que ao mesmo tempo existe, vive e entende, aquela que é a alma racional do homem (*De lib. Arb., III, 3*).

3.1 Os sentidos exteriores

Santo Agostinho reconhece os sentidos corporais como sendo o conhecimento externo, ou seja, os órgãos corpóreos através dos quais o ser humano tem e recebe suas percepções: “Dize-me agora se sabes com certeza que possuis os tão bem conhecidos sentidos corporais: a vista, o ouvido, o olfato, o gosto e o tato?” (*De lib. arb., III, 2*). É muito comum que os sentidos corporais se confundam ou confundam o homem, pois, um único sentido pode realizar a função de dois ou mais dentre eles.

Pode-se dizer que cada um dos sentidos tem objetos próprios a nos fornecer, mas que muitas vezes confundem sua função, vindo a fornecer-nos informações que deveriam ser dadas por outro sentido.

Pois bem! A respeito das formas corporais, enquanto grandes ou pequenas, quadradas ou redondas, e de outras propriedades semelhantes, não temos também a sensação delas pelo tato, como pela vista, de modo a não podermos atribuir como próprio a um único destes sentidos, mas também a ambos? -Evódio: Entendo que seja assim. Agostinho: compreendes pois, igualmente, que cada sentido tem certos objetos próprios sobre os quais nos informam, e que alguns dentre eles percebem objetos de modo comum? Evódio: Compreendo também isso. (*De lib. Arb., VI, 6*).

Em análise ao supracitado podemos concluir que para Santo Agostinho os sentidos externos são confusos e um dos motivos desta confusão é o fato de que cada sentido não possui função específica, deixando aberta a possibilidade de distintas apreensões corpóreas para um único objeto. Agostinho afirma ainda que o corpo (reduo dos sentidos externos) é escravo das sensações e, não sendo senhor de si mesmo, não pode ser fonte de conhecimento seguro.

Se seguir a carne, o homem estará à mercê de seus prazeres e será dominado por seus instintos mais baixos, estando, por isso, pervertido. “Porque te deixas perverter e segues tua carne? Que ela se converta e te siga!” (*Conf., IV, 11*). O corpo quando se entrega aos desejos da carne tem o poder de ofuscar a alma e iludí-la por meio das percepções sensíveis. Encontramos, entre tantas exortações, esta, que Santo Agostinho faz a Deus em agradecimento por tê-lo feito enxergar o quanto são ilusórios os deleites corpóreos:

Deus meu, misericórdia minha, como foste bom em derramar tanto fel sobre meus prazeres! Fui amado e cheguei ocultamente às cadeias do prazer; mas, na alegria eu me via amarrado por laços de sofrimento, castigado pelo ferro em brasa do ciúme, das suspeitas, dos temores, das cóleras, das contendas. (*Conf., III, 5*).

Também os maus pensamentos, além dos atos viciados, atrapalham a alma em seu desenvolvimento e, porque o veículo dos pensamentos e dos atos é o corpo, Agostinho diz que ao deixar-se iludir pelos sentidos corpóreos o homem se perde e se desvia do caminho que conduz ao conhecimento da verdade: “Se o pensamento fosse deixado à mercê de si mesmo, dedicar-se-ia, sem dúvida, exclusivamente ao conhecimento dos inteligíveis; é nisto que ele se encontra como que em casa em sua própria função”³⁴. Na perspectiva do Autor/Santo existe uma cadeia que, representada por anéis entrelaçados, mantém o homem preso nos grilhões de sua própria limitação:

Da vontade pervertida nasce a paixão; servindo à paixão, adquire-se o hábito, e, não resistindo ao hábito, cria-se à necessidade. Com essa espécie de anéis entrelaçados (cadeia), mantinha-me ligado à dura escravidão. (*Conf.*, VIII, 5).

A vontade pervertida da qual ele fala é a vontade humana escrava das paixões, que, por não mais viver afastada delas, habitua-se e necessita do seu gozo constante. As paixões relacionam-se aos desejos carnis, mas o homem além de carnal é também um ser espiritual, e, por este motivo, existe um duelo entre as paixões e o espírito que reside no interior do ser. “A carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito tem desejos contrários à carne”. (*Conf.*, VII, 5).

Santo Agostinho sofreu muito em virtude de sua fraqueza como ser humano e foi a percepção de suas limitações uma das causas que o impeliu a modificar sua vida. Conforme vemos Victorino relatar: “A tristeza de um ser feito em pedaços de contradições, mudou sua vida de mortal e pecador”³⁵. Os desejos de sua carne opunham-se aos desejos de seu espírito e

³⁴GILSON, Étienne. *Introduzione allo studio di sant’Agostino*. 2ª Edição. Tradução de Vincenzo Venanzi Ventisette. Genova: Casa Editrice Marietti. 1997. Pág. 139. ‘*Si il pensiero venisse lasciato in balia di se stesso, si dedicherebbe senza dubbio esclusivamente alla conoscenza degli intelligibili; é in questo che si trova come a casa sua e nella propria funzione*’.

³⁵CAPANAGA. 1954. Pág. 161. ‘*La tristeza de un ser, hecho pedazos de contradicciones, encapotó su vida terrena de hombre mortal y pecador*’.

era essa a razão da luta que travava contra si mesmo. O vemos reiteradamente rendendo preces a Deus onde vem exprimir a fraqueza de sua vontade em relação à força com que os instintos humanos se opunham ao desejo de seu espírito: “Era inútil intimamente comprazer-me na tua lei; eu percebia outra lei em meus membros, que pelejava contra a lei da minha razão e que me acorrentava à lei do pecado existente em meus membros”. (*Conf., VIII, 5*).

Para o homem de Hipona o corpo deve existir a serviço da alma e por este motivo o homem deve ser senhor de seu corpo e não seu escravo. O que ocorre é que a vontade contrastante no interior do homem leva-o de um lado a outro: “Tinha duas vontades, uma antiga e outra nova; uma carnal e outra espiritual, que se combatiam mutuamente; e essa rivalidade me dilacerava o espírito”. (*Conf., VIII, 5*).

Era patente a diferença ou o contraste entre as vontades que se impunham ao espírito daquele homem que, naquele momento, ainda nada sabia da santidade, e, mesmo assim, já pendia para o bem. O vemos em seus textos: “Sentia claramente os dois desejos, reconhecendo-me mais naquele que interiormente aprovava do que naquele que desaprovava”. (*Conf., VIII, 5*).

No capítulo em que Agostinho discorre sobre as vontades contrastantes em seu interior, ele utiliza uma pequena história para explicar como é fácil e cômodo deleitar-se nos sentidos, pois, o deleite dos sentidos vicia o homem e o incita ao gozo constante:

O peso das realidades do mundo me oprimia docemente, como costuma acontecer em sonhos. Os pensamentos e reflexões sobre ti eram como os esforços daqueles que desejam despertar, mas, vencidos pela profundidade do sono, nele tornam a mergulhar. Ninguém quer dormir constantemente, e todos concordam que é melhor manter-se desperto. Contudo, quando o sono torna os membros pesados, retarda-se o esforço de acordar e quando a contragosto chega a hora de levantar, aprecia-se ainda mais o sono. (*Conf., VIII, 5*).

A descrição Agostiniana de como era carinhosamente ou prazerosamente enredado nas realidades do mundo, ou dos sentidos, é neste caso fabulosamente representado pelo sono. A comparação feita em relação ao gozo dos prazeres é ilustrada com o esforço da pessoa que deseja despertar, mas torna a dormir, cedendo à delícia proporcionada pela sensação inebriante do sono profundo.

Quando Agostinho diz que o sono pesa os membros e amplia o desejo de dormir interpretamos que ele quer dizer que, quanto maior o gozo que se tem ou quanto mais o homem se entrega àquilo que lhe dá prazer, mais se afunda no deleite das sensações corpóreas. Entretanto, ainda que atrelado a todo tipo de enganação corpórea, Agostinho crê que ao homem é dada a capacidade de querer, ou seja, de almejar aquilo que irá realizar.

A alma ordena o querer; não ordenaria se não o quisesse; no entanto, não executa aquilo que ela mesma ordena. Mas, como ela não quer totalmente, também não ordena totalmente. Ela ordena na proporção do querer. (*Conf., VIII, 9*).

Segundo o autor o caminho que conduz a Deus não é outro, senão, o da volição humana que necessita ser brava e corajosa na direção em que se propõe.

3.2 O sentido interior

Os sentidos exteriores não se autogovernam, por isso, necessitam do sentido interior que os governe:

Mas esse sentido interior não se pode dizer que seja, nem o ouvido, nem a vista, nem o olfato, nem o gosto, nem o tato. Ele é, não sei que outra faculdade diferente, que governa universalmente a todos os sentidos exteriores, por igual. (*Conf., VIII, 9*).

O sentido interior não deve ser confundido com os sentidos exteriores por não ser nenhum deles, senão, o governante de todos, por igual. Exercendo a função de governante dos sentidos exteriores, o sentido interior é comum tanto aos homens quanto aos animais. “Posto que não poderás pretender classificar esse sentido interior no gênero dos que possuem a inteligência, mas unicamente classificá-lo entre as coisas que existem e vivem, embora privadas de inteligência. Isso porque ele também encontra-se entre os animais que são carentes de inteligência”. (*De lib. arb.*, III, 3).

Segundo Marcos Nunes Costa uma das preocupações de Santo Agostinho reside na diferenciação entre os objetos corpóreos e o conhecimento que eles produzem, tal seja, a sensação:

Os objetos corpóreos estão no nível do existir ou exterior; a sensação, ao contrário no nível do viver, ou interior, pois é produzida na alma. Ou seja, o processo do conhecimento humano parte do interior para o exterior. Não são os objetos que produzem conhecimento no homem, mas o homem que sensoria os objetos³⁶.

Para Agostinho as sensações são indiscutivelmente prerrogativas da alma e não do corpo. A sensação, própria da alma, apenas ‘utiliza’ o corpo para se manifestar; assim, o corpo é visto como algo passivo enquanto a alma é ativa.

Na alma está presente o sentido interno que sensoria os objetos e, graças a esse sentido, o homem tem consciência de suas percepções externas. A alma é a portadora do sentido interior e sensoria os objetos exteriores; assim, não são os sentidos exteriores os responsáveis pelas sensações, mas a alma, que é a vida do corpo:

Por conseguinte já que, percebendo a cor pelo sentido da vista, nós não percebemos a nossa própria sensação - se ouvindo um som, não ouvimos nossa própria audição é evidente que os cinco sentidos não podem ser sentidos por si mesmos, ainda que por eles (através deles) todos os objetos corporais sejam sentidos por nós” (*De lib. arb.*, III, 3).

³⁶ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.389.

É o corpo vivo, ou melhor, é a alma presente no corpo, que lhe possibilita experimentar as sensações, uma vez que, os sentidos exteriores (cinco sentidos) não se percebem a si mesmos, ou seja, não têm consciência do que sentem, mas é o sentido interior presente no homem que lhe permite ter sensações.

O sentido interior é juiz e guia dos sentidos exteriores sendo ele comum entre os homens e os animais: “Não poderás pretender classificar esse sentido interior no gênero dos que possuem a inteligência, mas unicamente classificá-lo entre as coisas que existem e vivem, embora privadas de inteligência”. (*De lib. arb., III, 3*). O sentido interior não deve ser confundido com a razão por ser comum a todos os seres vivos, enquanto a razão é prerrogativa dos seres humanos unicamente. Assim como os sentidos exteriores encontram-se no nível do existir, o sentido interior encontra-se no nível do viver e ambos não têm consciência cognoscente.

O sentido exterior percebe enquanto o sentido interior sente e julga, entretanto, muito além de ambos está a razão por ser ela a única que possui recursos com os quais o sentido interior questiona a ação dos sentidos externos. De acordo com o Filósofo é necessário que o homem transcenda os sentidos corpóreos para que, por meio da razão, possa atingir o mundo das ciências ou das verdades universais:

Oh alma, olha se podes. Oprimida que estás pelo peso do corpo sujeito à corrupção e curvada sob múltiplos e variados pensamentos terrenos. Olha bem e compreende se podes: Deus é a verdade!”(*Sabedoria, 9,5*). “Mas não, não podes, pois resvalas para os pensamentos terrenos e rotineiros. Qual é, pois, eu te peço, esse peso que te faz recair, senão o das impurezas contraídas pelo visgo das paixões e erros de tua peregrinação”. (*De Trind., VIII, 2, 3*). “Todavia a não ser que ultrapasse, o que nos é transmitido pelos sentidos do corpo não podes chegar à ciência.”(*De lib. Arb., III, 3*).

A capacidade que possui o corpo de desviar a alma do conhecimento da verdade é descrita nos textos deste autor como um dos principais motivos do afastamento do homem do conhecimento de Deus.

Conforme expusemos acima, o corpo atrelado ao mundo material, sujeito à deterioração e escravo das paixões, macula a alma que cede ao deleite destas sensações. Como os sentidos externos não têm consciência de seu próprio exercício, isso fica a cargo de um outro sentido que seja mais capacitado e que informe a cada uma das sensações sua proveniência.

A função de fazer o corpo perceber os sentidos externos cabe ao sentido interior, estando ele presente em cada um dos seres vivos, por ser um exercício da alma. O sentido interior é também acessível ao gênero de seres que vivem (mas não entendem), quais sejam, os animais. Ele funciona como um guia para os sentidos exteriores: “...eu reconheço no sentido interior um juiz e guia dos sentidos exteriores”. (*De lib. arb.*, III, 3).

É pelo sentido exterior que percebemos os corpos, mas é a alma que julga os objetos corporais e, aceita ou não, o contato com cada um deles. O sentido interior além de referir-se aos juízos de gosto, como, por exemplo, classificar o que apetece ou não ao homem, também é o governante dos sentidos exteriores:

O sentido interior julga os sentidos exteriores corporais aprovando um bom funcionamento ou um mau serviço. Do mesmo modo, os próprios sentidos externos, eles mesmos julgam os objetos corporais, aceitando seu contato, caso seja agradável, ou rejeitando-o, caso contrário (...) assim como o sentido interior julga a nossa audição, considerando-a deficiente ou suficientemente atenta, também o próprio ouvido, por sua vez, julga os sons, distinguindo os que o impressionam com doçura daqueles que ressoam com estrépito. (*De lib. arb.*, II,3).

Compreendemos que segundo Santo Agostinho o sentido interior tem como função exercer julgamento sobre os sentidos exteriores e também sobre os corpos. Portanto, é

utilizando-se do sentido interior e da razão que o homem pode dominar os sentidos exteriores, sem se deixar escravizar por eles. Por ser juiz e guia dos sentidos exteriores, o sentido interior é algo superior a eles: “Quem julga é superior àquele sobre o que julga”. (*De lib. arb.*, II, 5).

Entretanto, o que sabe de si mesmo o sentido interior? Teria ele consciência do próprio trabalho que realiza? Santo Agostinho diz que o sentido interior tanto sente as impressões que recebe dos cinco sentidos externos como percebe igualmente os mesmos sentidos, ainda que não tenha consciência de si mesmo. Assim, na teoria agostiniana, o sentido interior possibilita a sensação através dos sentidos externos, mas não tem consciência da ação que realiza, ou seja, é inconsciente de sua própria ação.

Poderíamos dizer que é através do sentido interior que conhecemos a ação dos sentidos externos, ou seja, as sensações. E aí entra a razão, ela é quem julga o que é bom ou o que é excessivo, segundo a utilização que o sentido interior faz dos sentidos externos.

3.3 A razão

A consciência humana dos sentidos exterior e interior chama-se razão. Assim: “Eu penso, antes, que seria pela razão que nós compreendemos a existência desse certo sentido interior, ao qual os cinco sentidos externos transmitem todos os seus conhecimentos a respeito dos objetos”. (*De lib. arb.*, II, 3). O sentido interior estaria, portanto, a serviço da razão:

Logo, qualquer que seja essa outra faculdade capaz de ter o sentimento de tudo o que sabemos, ela está ao serviço da razão à qual apresenta e traz tudo o que apreende. De maneira que os objetos percebidos possam ser diferenciados entre si e conhecidos não somente pelos sentidos, mas ainda por conhecimento racional. (*De lib. arb.*, II, 3).

O sentido interior é que permite ao homem ter consciência dos sentidos exteriores, mas a única que conhece a ambos e também a si mesma é a razão. De acordo com a teoria agostiniana é utilizando suas qualidades diferenciais, tais sejam, a capacidade de acreditar e a possibilidade de raciocinar, que o homem começa a se expandir no sentido de explorar suas capacidades latentes e a vislumbrar a compreensão de coisas as quais anteriormente não podia enxergar.

É conhecendo a razão e sabendo utilizá-la que o homem se diferencia das demais espécies, porque a razão lhe dá possibilidade de explorar as suas capacidades e compreender a ação dos sentidos. Para Santo Agostinho é mister que o homem busque o desenvolvimento da fé e da razão para que, através delas, possa obter um conhecimento mais amplo de si mesmo e de Deus.

É utilizando a razão que o homem conhece. Segundo a ‘teoria do conhecimento’ nosso primeiro sentido está nos objetos corpóreos (sensível), o segundo na alma (sensitividade), mas o terceiro, que pertence unicamente ao ser humano e o diferencia das demais espécies, é a razão.

Portanto, acima da natureza – que apenas existe, sem viver nem compreender, como acontece com os corpos inanimados – vem a natureza que não somente existe, mas que também vive, sem contudo ter a inteligência, como acontece com a alma dos animais; e, por sua vez, acima desta última vem aquela natureza que ao mesmo tempo existe, vive e entende, aquela que é a alma racional do homem. (*De lib. arb., II, 3*).

O homem faz-se superior às demais espécies por ter e utilizar a razão. O pensamento seria, portanto, o veículo da razão. Conforme assegura o autor: “Assentamos igualmente que das três realidades é prevalente a que só o homem possui além das outras duas, ou seja, a de inteccionar”. (*De lib. arb., II, 6*).

A razão é a faculdade responsável pela aquisição do conhecimento, e, portanto, superior aos sentidos exteriores e ao sentido interior. É por meio dela que o homem distingue os sentidos de forma que possa compreender ser a visão prerrogativa dos olhos, enquanto a audição é prerrogativa dos ouvidos, sentidos estes, distintos ao homem e indistintos ao animal. Assim, a razão sensoria o sentido interior e faz o homem consciente de suas sensações:

E o que pensar? Percebes que o sentido da vista percebe a cor, sem se perceber a si mesmo? Porque pelo sentido que vê a cor, com efeito não vê o ato mesmo da visão. Uma coisa é a cor a outra o ato de ver a cor. Outra, muito distinta na ausência da cor, a posse de um sentido capaz de ver, caso ela lá estivesse. (*De lib. arb., II, 6*).

A consciência do ser humano referente à sua vida e à sua existência é a razão, sendo que ela domina os sentidos externos e o sentido interior e permite ao homem utilizar-se das sensações.

Esse sentido interior não se pode dizer que seja, nem a vista, nem o ouvido, nem o olfato, nem o gosto, nem o tato. Ele é, não sei que outra faculdade diferente que governa universalmente a todos os sentido exteriores, por igual. A razão é que nos faz compreender isso. (*De lib. arb., II, 6*).

O Filósofo dá predominância à razão em relação às demais funções por sua superioridade: “Admitimos, porém, que a melhor das três é a que só o homem possui, juntamente com as duas outras, isto é, a inteligência que supõe nele o existir e o viver” (*De lib. arb., III, 1*). A razão sensoria o sentido interno e dá ao homem a possibilidade de compreender como os objetos são por ele aprendidos ou sensorizados:

Sabes, pelo menos, que somente a razão pode definir estas coisas e que ela, unicamente, pode agir sobre objetos submetidos a seu exame? Pois bem, é esta mesma razão que distingue entre um e outro, isto é, os sentidos, seus servidores e os objetos que se lhe apresentam; e que reconhece ainda a diferença existente entre eles e ela, afirmando sua preeminência sobre eles, acaso essa razão compreende-se a si mesma por meio de outra faculdade que não seja ela mesma? Saberias que

possuis a razão, caso não percebestes a mesma razão?” (*De lib. arb., III, 1*).

A razão compreende os sentidos, as sensações e é consciente de seu próprio exercício, ou seja, é consciente de si mesma; por ser inerente a todo ser é a mais excelente das faculdades do ser humano:

Sendo assim, crês que em nós, isto é, entre esses elementos constitutivos de nossa natureza humana, pode-se encontrar algum elemento mais nobre do que aquele que enumeramos em terceiro lugar? Porque manifestamente nós possuímos um corpo e também uma alma que anima o corpo e é a causa de seu desenvolvimento. Dois elementos que também vimos nos animais. Enfim, a mais, temos um terceiro elemento, que por assim dizer é como a cabeça ou o olho de nossa alma. A menos que se encontre um nome mais adequado para designar a nossa razão ou inteligência, faculdade que a natureza dos animais não possui. Vê, pois, eu te peço, se podes encontrar na natureza do homem algo mais excelente do que a razão. (*De lib. arb., II, 3*).

3.4 A teoria da Iluminação

Segundo Santo Agostinho a verdade também constitui uma forma de conhecimento e, por isso, pertence a ‘teoria do conhecimento’. A verdade agostiniana, que pode ser atingida somente através da iluminação, é recebida pelo homem da Inteligência Divina, por um ato de pura bondade e misericórdia de Deus.

Resumidamente, os três graus de conhecimento do homem na ‘teoria do conhecimento’ de Santo Agostinho devem obedecer a uma hierarquia. Tal é esta hierarquia:

1- Os cinco sentidos corporais que não possuem conhecimento direto da própria operação que realizam: “É evidente que esses cinco sentidos não possam ser sentidos por si mesmos, ainda que por eles todos os objetos corporais sejam

sentidos por nós”. (*De lib. arb., II, 3*). Por tanto, tais sentidos não produzem conhecimento.

2- Assim, a primeira forma de conhecimento na hierarquia da ‘teoria do conhecimento’ é o sentido interior, comum aos homens e animais, que percebe os sentidos externos com os seus objetos; mas Agostinho não chega à certeza de que o sentido interior tenha consciência de si mesmo:

Mas, por outro lado, essa vida interior que percebe assim as próprias sensações de objetos corporais terá ela também consciência de si mesma? (*De lib. arb., III, 5*).

3- A segunda forma de conhecimento é a razão que, diferente do sentido interior, conhece a operação que realiza através dos cinco sentidos corporais e seus objetos e tem também a ela subordinada ou, a seu serviço, o sentido interior:

Logo, qualquer que seja essa outra faculdade capaz de ter o sentimento de tudo o que sabemos (o sentido interior), ela está a serviço da razão à qual apresenta e traz tudo o que apreende. De maneira que os objetos percebidos possam ser diferenciados entre si e conhecidos não somente pelos sentidos, mas ainda por conhecimento racional. (*De lib. arb., III, 5*).

Ainda, além de tudo isso, a razão se reconhece e pode chegar à ciência:

Pois, a não ser ultrapassando esse mesmo sentido interior, o objeto transmitido pelos sentidos corporais poderá chegar a ser objeto de ciência. Porque tudo o que nós sabemos, só entendemos pela razão – aquilo que será considerado ciência. (*De lib. arb., III, 5*).

4- A terceira forma de conhecimento desta teoria é a verdade. (cap.4).

4. A FELICIDADE E A VERDADE

Vimos até aqui que a teoria do conhecimento agostiniana, com a descrição das intuições de espírito, são referenciais para o homem conhecer a si mesmo e a sua natureza. Agora vamos analisar os conceitos de Felicidade e Verdade na tentativa de compreender o caminho que deve ser percorrido pelo homem para alcançar a compreensão destes conceitos.

4.1 A condição da felicidade

Através da análise dos textos agostinianos percebemos a profundidade das palavras utilizadas por Santo Agostinho para compartilhar conosco as experiências que vivenciou e demonstrar, por meio destas experiências, a compreensão que o ser humano pode alcançar da verdade e da felicidade.

Quando se afasta do conhecimento interior o homem acaba por esquecer a sua real missão que é a de conhecer a verdade e através dela encontrar a felicidade:

Chegar a conhecer-se para saber o que há de ser feito para ser melhor e se é possível ser feliz: este é para ele todo o problema... é verdade que Santo Agostinho busca a verdade para ser feliz mas nunca pensou que seja possível uma felicidade separada da verdade³⁷.

³⁷ PEGUEROLES, Juan. 1972. Pág. 83. *'Llegar a conocerse, para saber lo que hay que hacer para ser mejor y si es posible ser feliz: éste es para él todo el problema... es verdad que san Agustín busca la verdad para ser feliz, pero nunca ha pensado que sea posible una felicidad separada de la verdad'*.

Santo Agostinho apregoa que o exercício da Filosofia unicamente, não é suficiente para fazer o homem feliz, porque, segundo ele, a Filosofia não pode dar ao homem participar da divindade. Sobre isso vemos comentar Michele Sciacca: “Mas a Filosofia não pode fazer feliz o homem, porque não pode dar-lhe a posse de Deus”³⁸. A busca pela felicidade permanente é desejo unânime do ser humano e tal busca, sempre atual e eminente, segue sendo motivo de inquietação dos Filósofos e Pensadores de todos os tempos:

É pensamento unânime de todos quantos podem fazer uso da razão que todos os mortais querem ser felizes. Mas quem é feliz, como tornar-se feliz, eis o problema que a fraqueza humana propõe e provoca numerosas e intermináveis discussões. (*De civ. Dei.*, X, 1).

A felicidade e a forma de vivê-la em sua plenitude é um dos principais motivos de investigações dos Filósofos Clássicos da Grécia Antiga, pois, assim como buscavam conhecer a Verdade e o Bem, almejavam-nos para saber e ser feliz. Entretanto, aqueles procuravam a felicidade estável, ao passo que nos dias atuais a maior parte das pessoas pensa que a felicidade é algo passageiro, porque, em geral, nossa vida consta de momentos alegres que se intercalam a momentos tristes; e este é o tipo de felicidade que conhecemos ordinariamente. O fato é que a felicidade é o estado anímico mais desejado na natureza humana porque é uma vontade natural do homem ser feliz, e, geralmente, é o que move toda sua atividade.

Para Santo Agostinho coisas que são perecíveis e impermanentes não podem jamais ser causa de felicidade, pois, se o homem sempre estiver na eminência de perder aquilo que o faz feliz não poderá afirmar que ‘possui’ felicidade: “Por conseguinte estamos convencidos de que se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés da sorte”. (*De beat. vita*, I, 12). Portanto, para que

³⁸ SCIACCA, Michelle. 1955. Pág.315. *Pero la filosofía no puede hacer feliz al hombre, porque o puede darle la posesión de Dios*.

alguém possa afirmar que é feliz, tal pessoa deve possuir algo que seja imperecível e eterno e que não esteja suscetível a mudanças ou à sorte dos acontecimentos: “infeliz é todo espírito subjugado pelo amor às coisas mortais, cuja perda o dilacera”. (*Conf., IV, 6*).

Por coisas mortais ou perecíveis Agostinho entende que “são parte das coisas que, desaparecendo e sucedendo-se umas às outras, compõem o universo”. (*Conf., IV, 10*). Mas, se todas as coisas materiais são perecíveis e o próprio homem é perecível, o que amar então? Em que depositar a esperança de poder ser feliz? Em que esperar?

De acordo com Agostinho para ser feliz a alma deve fixar-se em algo que seja imperecível e imutável, pois assim não estará mais à mercê da sorte. Para o Filósofo é somente fixado no conhecimento de Deus que o homem estará no caminho da felicidade. Conforme verificamos pelas palavras de García-Jucenda: “Por sua abertura, seu dinamismo, consequência clara de sua natureza finita, o homem tende a sua perfeição e completude, que só alcançará em Deus”³⁹.

O conhecimento de Deus, portanto, deixa de constituir um simples anseio intelectual e passa a ser um desejo humano que intenciona encontrar a própria felicidade. A felicidade agostiniana não está nas coisas materiais, ou seja, não é algo que possa ser visto ou tocado pelo homem. “A vida feliz não se vê com os olhos, porque não é corporal”. (*Conf., XX, 21*). A teoria do Cristão de Hipona diz que o homem nunca poderá ser totalmente feliz se condicionar sua felicidade às coisas passageiras, mas, somente será feliz se apegar-se a algo superior e imutável, ou seja, a Deus.

³⁹ GARCÍA-JUNCEDA, 1988. Pág.136. *‘Por su apertura, su dinamismo, consecuencia clara de su naturaleza finita, el hombre tiende a su perfección y completud, que solo alcanzará en Dios’.*

O ser humano comum não conhece a verdadeira felicidade porque confunde felicidade com alegria passageira e vive a buscar esta por aquela: “É justamente a alegria que chamamos de felicidade”. (*Conf., X, 21*). Estamos alegres quando algo ocorre da maneira que desejamos; em seguida, podemos nos entristecer porque alguma outra coisa malogrou e é o prazer ou desprazer em determinados fatos da vida corriqueira que determina nossa felicidade ou infelicidade. Entretanto, uma coisa é certa: o homem deseja ser feliz. Nas palavras de Santo Agostinho:

Mas se lhes perguntamos se querem ser felizes, ambos responderão imediatamente, sem hesitação que o querem. E quando um aceita o serviço militar e outro rejeita, assim o fazem para serem felizes. E embora um tenha prazer numa determinada condição e outro noutra, estarão em acordo que todos querem ser felizes. (*Conf., IV, 10*).

É uma constante a intersecção entre os temas da verdade e da felicidade, porque, nos textos agostinianos estão intimamente conectados, por constituírem razão e fim um do outro. A teoria da verdade tem por objetivo direcionar a vida humana e mostrar ao homem o caminho à felicidade. O homem somente encontrará a verdade nas coisas imperecíveis, no eterno e imutável e sua felicidade, portanto, depende deste encontro.

Para conhecer a felicidade o homem deve procurar a verdade, presente no eterno e imutável, já que os sentidos enganadores e passageiros não o podem guiar nesta procura: “O homem afunda mais e mais nas trevas, à medida que abraça com mais gosto aquilo a que sua fraqueza adapta-se com maior facilidade” (*De lib. arb., II, 3*).

4.2 Sobre a verdade

A teoria da verdade parte da afirmação de que as coisas perecíveis e passageiras apenas distanciam o homem de sua busca. Nesta teoria, as riquezas, as honras, a glória e as paixões, ou seja, os prazeres em geral, afastam o homem do encontro da verdade e o deixam cada vez mais dependente dos vícios da carne.

Àquele que busca aproximar-se do conhecimento da verdade Santo Agostinho adverte: “Devemos evitar inteiramente as coisas sensíveis e precaver-nos muito, enquanto vivemos neste corpo, para que nossas asas não sejam retiradas pelo visgo dessas mesmas coisas”. (*Sol., XIV, 24*). Os desejosos por alcançar a verdade devem rejeitar os prazeres provenientes dos sentidos e os deleites corpóreos porque o recado é que tudo o que pertence a eles ilude o homem e o afasta de seus objetivos.

As trevas às quais Agostinho se refere são resultado do estado que se encontra o indivíduo que está afastado de Deus, porque, para o Autor, o afastamento do homem de Deus é um pecado que o homem comete contra si mesmo, contra sua própria natureza: “É assim que o homem peca, quando se afasta de ti e busca fora de ti a pureza e a limpidez, que ele não pode encontrar senão voltando para ti”. (*Conf., II, 6*).

A inconsciência daquele que peca é tão profunda que, segundo o Teólogo, tal pessoa não deve, sequer, ser digna de reprimenda, pois o que lhe cabe não é senão compaixão: “Atualmente tenho mais compaixão do homem que se alegra no vício, do que pena de quem sofre a privação de um prazer funesto e perda de uma felicidade ilusória”. (*Conf., III, 2*).

O ser humano que depende de algo passageiro para ser feliz está sempre preso à sorte dos acontecimentos, preso ao material, e o infortúnio em qualquer destas coisas o

entristece; enquanto aquele que busca a verdade encontra-se a caminho da fonte da alegria, por ser ela imperecível e eterna. Somente o homem que não mais se encontra à mercê dos acontecimentos, por não ser mais escravo do corpo e dos seus sentidos, está apto a conhecer a verdade: “Quando estiveres em tal condição que absolutamente nada do que é terreno te cause deleite, acredita-me, naquele instante verás o que deseja”. (*Sol.*, XIV, 4).

Imaginando ser auto-suficiente o homem apega-se a seus sentidos, e, porque pensa que eles lhe revelarão algo sobre o conhecimento da verdade e da felicidade, mais uma vez se engana. A este respeito Agostinho apregoa: “A vida feliz não se vê com os olhos, porque não é corporal”. (*Conf.*, X, 21). E por não serem corporais, nem a verdade nem a felicidade, por isso mesmo, ambas estão despregadas do material e dos sentidos. Se não pertencem ao mundo material, não podem ser vistas com os olhos da carne.

Ademais, há aqueles que afirmam que a verdade pode ser experimentada pela razão, entretanto, segundo Santo Agostinho, a razão é utilizada como auxílio necessário na compreensão da verdade, e, por si só, não conduz o homem à verdade, assim: “sendo os homens incapazes de encontrar a verdade mediante a razão pura”. (*Conf.*, VI, 5).

Se nem nos sentidos nem na razão pura está a verdade, se não é nas coisas materiais que o homem irá lograr encontrá-la, se ela está além do que podem ver os olhos ou relatar qualquer outro sentido, onde poderíamos encontrá-la?

A expressão, por exemplo: ‘nós vemos todas as coisas verdadeiras em Deus, por Deus e para Deus’, significa que toda verdade é verdadeira porque vem de Deus, fonte única da verdade; e que toda verdade é, desta forma, testemunho de Deus⁴⁰.

⁴⁰ SCIACCA, Michelle. 1955. Pág.264. ‘*La expresión, por ejemplo: ‘nosotros vemos todas las cosas verdaderas en Dios, por Dios y para Dios’, significa que toda verdad es verdadera porque viene de Dios, fuente única de verdad; y que toda verdad es, por lo mismo, testimonio de Dios’.*

Para Santo Agostinho é somente fixado no conhecimento de Deus que homem poderá encontrar a verdade. Mas como, ou seja, de que maneira o homem deve procurar a verdade? Onde buscá-la? Segundo o Filósofo, o homem deve procurar a verdade em seu próprio interior: “Porque, efetivamente, a Verdade impressa por Deus em nosso interior, é preciso busca-la em nós mesmos”⁴¹.

Buscando conhecer a verdade o homem irá conhecer a Deus, mas, para que isto ocorra é mister uma preparação por parte do homem, seguida de uma transformação. A preparação é chamada ‘purificação’ e dela se segue a transformação. O homem deve viver uma ‘purificação’ para que possa conhecer a Deus e essa purificação ocorrerá através da própria verdade que habita no interior do homem. Segundo o Bispo de Hipona, para que ocorra a purificação, o homem deve depositar na verdade toda a sua confiança e na verdade esperar, porque, é desta maneira que ocorrerá nele uma transformação. Abaixo expomos o que o escritor Vitorino Capanaga nos diz desta purificação:

Purificar-se mais cada dia, iluminar-se interiormente, aperfeiçoar-se aguçando os olhos para a grande visão, que é a meta suprema do espírito humano; eis aqui a tarefa suprema e cotidiana do bispo de Hipona, o mais divino matiz de sua filosofia⁴².

O objetivo de Agostinho era focado na busca de Deus e do conhecimento da verdade, na contemplação do divino. É pela purificação que o homem logra a transformação interior. Assim o vemos relatar:

Entrega à verdade tudo o que da verdade tens recebido, e nada perderás; re florirá tudo o que em ti estiver apodrecido todas as tuas doenças serão curadas. As tuas fraquezas serão reparadas, renovadas estarão estreitamente ligadas a ti. E não te arrastarão

41 VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág.64. *‘Porque, efectivamente, la Verdad impresa por Dios en nuestro interior, es preciso buscarla en nosotros mismos’*.

42CAPANAGA. 1959. Pág.132. *‘Purificarse más cada dia, iluminarse interiormente, perfeccionarse aguzando los ojos para la gran visión, que es la meta suprema del espíritu humano: he aquí la tarea secreta y cotidiana del bispo de Hipona, el más divino matiz de su filosofía’*.

para o abismo, mas subsistirão contigo junto a Deus, que é sempre estável e presente. (*Conf., IV, 11*).

A entrega do homem e sua conseqüente renovação na verdade é que o ‘purifica’ e o transforma, conduzindo-o ao conhecimento de Deus. Essa entrega é a purificação necessária àquele que deseja tocar o inefável ou conhecer a Deus e ao seu projeto. A verdade purifica e fortifica àquele que a procura e nela se ampara e é através da verdade que o homem encontra a felicidade, e, já transformado, está apto a conhecer a Deus.

4.3 A Misericórdia Divina

Se há uma relação entre os temas da verdade e da felicidade ela está no conhecimento de Deus. Entretanto, pode o homem almejar tal conhecimento sem que possa, para isso, contar com o auxílio divino? O auxílio a que nos referimos é a Misericórdia Divina que vem ao encontro do anseio humano, não por merecimento do indivíduo, senão, pela bondade imanente do Criador. Entretanto, em que consiste tal Misericórdia?

Em nenhum dos escritos de sua vasta obra vemos Santo Agostinho vangloriar-se por qualquer coisa que tenha feito ou qualquer ocorrência de sua vida. Desde sempre se manteve humilde frente ao que Deus realizava e a cada dia o vemos ser mais e mais felicitado pela amplitude do seu entendimento e por ter sobre si derramadas incontáveis graças. Santo Agostinho não acreditava nos méritos de seus atos, antes, reconhecia neles a ação de Deus e acreditava que Deus o afastava das tentações e redimia seus erros: “Pela tua graça e misericórdia meus pecados se desfizeram como gelo ao sol”. (*Conf., II, 2*).

Por ser sabedor das misérias que vive o espírito humano, sempre dilacerado entre desejos contrastantes é que Santo Agostinho nega ao homem qualquer tipo de mérito proveniente de sua própria ação. Conforme seu entendimento é Deus quem concede dons ao homem e este deve render-lhe glória e alegrar-se naquele que o auxilia, sendo Deus, portanto, o único digno de louvor:

Quem quiser enumerar os próprios méritos diante de ti, que poderá enumerar senão os teus dons? Oh, se os homens se reconhecessem como homens, e ‘aquele que se gloria, se glorie no Senhor’. (*Conf., IX, 13*).

O homem, por sua incapacidade e ignorância, necessita da Misericórdia Divina. Agostinho roga a Deus que tenha misericórdia do homem, ainda que não acredite que ele mereça tal misericórdia por seus próprios méritos, porque, como já vimos, não reconhece no homem mérito algum. Antes, a misericórdia que o Cristão de Hipona roga a Deus é amparada na graça, pois, segundo ele, o Criador tem o poder de derramar graças sobre suas criaturas, naquelas que esperam um dia estar com ele:

Ai do homem, mesmo de vida irrepreensível, se tu o julgares sem misericórdia! Mas como não perscrutas nossas faltas com rigor, esperamos confiantemente um lugar junto de ti. (*Conf., IX, 13*).

Deus é apresentado por Santo Agostinho na imagem do Pai misericordioso, sempre compreensivo com os erros dos filhos, disposto a ajudá-los e pronto a socorrê-los, já que se a Justiça estivesse acima da Misericórdia, não estaria sendo cumprida a promessa Divina: “Que a Misericórdia triunfe sobre a Justiça. Tuas palavras são verdadeiras, e prometeste misericórdia aos misericordiosos”. (*Conf., IX, 8*).

Santo Agostinho, desde sua conversão, sempre se ancorou na Misericórdia Divina, isso percebemos quando o vemos confessando a Deus seus pecados e buscando o perdão das

faltas que cometera no passado. É através de seus textos que o Douto Santo compartilha conosco como ocorreu a redenção de seus pecados objetivando, com o relato de sua confissão, fortificar na fé e dar esperança àqueles que, em virtude de seus erros, encontram-se amedrontados para retornar a Deus.

A confissão de minhas faltas passadas - que perdoaste e esqueceste para me fazer feliz, transformando-me a alma pela fé e pelo teu sacramento - leva, a quem a lê e ouve, a não se entregar ao desespero dizendo: não posso. (*Conf., X, 3*).

De acordo com o que prega o Homem Santo: a Misericórdia Divina alcança a todos, todos podemos ser perdoados, todos podemos pela graça e reconhecidas nossas fraquezas, alcançar o perdão. Em seus textos Agostinho pede a Deus que desperte no homem, por meio da compreensão de sua confissão, o amor pela Misericórdia Divina: “Que esta confissão desperte nele o amor pela tua misericórdia e pela doçura da tua graça, que fortalece todos os fracos e lhes permite tomar consciência da própria fraqueza”. (*Conf., X, 3*). Entretanto, Agostinho sabia que muito falta a alma humana para que esteja pronta para o encontro de Deus e da verdade: “Falta na vida íntima da alma a unidade, constancia e pureza necessárias para fixar o olhar na Verdade”⁴³.

Foi devido à mudança que percebeu ocorrer em seu coração que Agostinho constatou que lhe fora concedido o perdão divino, entretanto, não estava seguro de que os homens confiariam em seus relatos. “Querem ouvir-me, dispostos a acreditar em mim, mas como poderão estar certos de que me conhecem realmente?” (*Conf., X, 3*). Havia apenas uma prova de que estava a dizer a verdade: esta prova era a caridade; aquela que traz consigo a justiça era a única capaz de fazer com que os homens acreditassem nele. Só a caridade conhecia o íntimo do coração de Santo Agostinho e poderia ser testemunha aos homens da

⁴³ VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág. 63. *Falta en la vida íntima Del alma la unidad, constancia y pureza necesarias para fijar la mirada en la Verdad*.

veracidade contida nas palavras dele: “A caridade, que os torna justos, dir-lhes-á que eu, ao confessar-me, não minto. É ela que os faz acreditar em mim”. (*Conf, X, 3*).

Não contente em se confessar somente a Deus, Agostinho quis também se confessar aos homens e tornar público quem ele era e quais eram as coisas que almejava:

Desejam agradecer comigo, ouvindo quanto a tua graça me aproximou de ti, ou querem orar por mim, sabendo quanto ainda estou trôpego pelo peso dos pecados? A esses mostrarei quem sou. (*Conf., X, IV*).

Sobre si colocara todo o peso das conseqüências de seus atos, de tudo o que Deus realizara em sua vida. As confissões de Santo Agostinho têm o intuito de convencer os homens de que não há boa ação fora de Deus e que as más ações são realizadas às expensas do próprio homem, por ser o homem livre em sua vontade: “Para Agostinho a livre vontade no homem é um bem e não só um bem, mas algo necessário, pois, mesmo os que vivem vida perversa, possuindo livre arbítrio, podem voltar a ter vida reta, caso queiram”⁴⁴. Desta forma aconselhava os que o escutavam a refletir em seus atos antes de praticá-los e afirmava que não há ação humana que não esteja sujeita à justiça divina: “As boas ações são obras e dons teus, as más são culpa minha e sujeitas a teu julgamento. Respirem de alívio pelo bem, suspirem pelo mal”. (*Conf., X, 4*).

Agostinho se ancorava em orações e nunca se cansava de recomendar aos homens que elevassem preces a Deus: “Subam a tua presença hinos e lágrimas destes corações fraternos que são os teus ‘turíbulos’”. (*Conf, X, 4*). Pedia que fosse derramada sobre ele a piedade divina e rogava a Deus que vendo sua imperfeição, por misericórdia, terminasse o que ainda faltava ser completado em seu ser:

⁴⁴ COSTA, Marcos Roberto Nunes. 2002. Pág.314.

E, tu, Senhor, alegre com o perfume do teu santo templo, ‘tem piedade de mim, segundo a tua grande misericórdia’ (Sl 50,13), por causa do teu nome (Jo 15,21). Tu que nunca abandonas as obras começadas contempla o que há em mim de imperfeito. (Fl 1,6). (*Conf.*, X, 4).

E naquela alma resignada tanto havia de imperfeito: as tentações dos sentidos, a fraqueza do espírito, os reconhecidos e incontáveis defeitos da natureza humana. Quanto às tentações que Agostinho sofria, o vemos afirmar:

Sou envolvido por deploráveis trevas que me escondem as capacidades reais. Assim, quando meu espírito se interroga sobre as próprias forças, ele julga que não pode confiar facilmente em si, pois o seu íntimo permanece muitas vezes desconhecido, se não o revela a experiência. E ninguém deve sentir-se seguro nesta vida, pois toda ela chama-se tentação. (*Conf.*, X, 32).

E nesta vida toda chamada tentação o homem necessita de Deus e necessita amparar-se nas promessas Divinas, já que, por si mesmo, não consegue vencer sequer os grilhões dos sentidos. “Há uma única esperança, um único motivo de confiança, uma única promessa segura: a tua misericórdia”. (*Conf.*, X, 32). A confissão de Santo Agostinho tinha tantos propósitos: almejava o perdão, queria a redenção das culpas, aspirava concessão de virtudes, esperava conhecer a verdade, ansiava aproximar-se de Deus, desejava levar os homens a crer.

Quando confessamos nossas misérias e reconhecemos tua misericórdia para conosco, manifestamos o nosso amor por ti, que nos chamaste a ter espírito de pobres, a ser mansos, plangentes, devorados pela fome e sede de justiça, misericordiosos, puros de coração e pacificadores”. (Cf.Mt 5,3-9). (*Conf.*, X, 32).

Deus havia feito o chamado e Agostinho desejava ser um condutor de ovelhas do rebanho do Senhor, aguardava que o homem reconhecesse a Misericórdia Divina e por meio dela pudesse redimir-se de suas culpas. Havia um caminho a ser trilhado: “Para descobrir a

rota de luz que a verdade traça ao homem com sua íntima ação é preciso voltar o olhar as profundidades de sua alma e questionar ali seus rastros claros e indestrutíveis”⁴⁵.

Nos dias atuais é Santo Agostinho que vemos chamando o homem a conhecer a Deus. A cada parágrafo de suas obras percebemos que ele reitera ao homem seu convite: ser puro de coração, manso, humilde e pacificador. A cada um está lançado o desafio: é possível conhecer a Deus.

⁴⁵ VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág. 79. *‘Para descubrir la ruta de luz que la Verdad traza al hombre con su íntima acción es preciso volver la mirada a las profundidades de su alma e indagar allí sus huellas claras e indestructibles’*.

5. DEUS E O HOMEM

Percebemos que em cada uma de suas obras Agostinho desenvolveu diferentes temas sem que para tal tenha dado prevalência de um assunto sobre outro. Quando indagado por seu amigo Evódio em Solilóquios sobre o que desejava conhecer, Agostinho imediatamente lhe respondeu: “Quero conhecer a Deus e ao homem. Nada mais?- questionou-lhe o amigo. Nada absolutamente”. (Sol., II, 1). Em sua busca pela verdade vimos a importância, para Agostinho, do conhecimento de Deus e do homem; nas palavras de Pegueroles:

Qual é a verdade que busca Agostinho? A verdade da Sabedoria, não as verdades da Ciência. A filosofia, para Santo Agostinho não trata de problemas, senão do problema do homem. O que é o homem? Qual é o fim do homem? Como chegar a ser homem? Na filosofia somente há dois problemas fundamentais, que no fundo são um só: Deus e o homem⁴⁶.

5.1 Sobre a natureza do homem

O homem, na concepção de Santo Agostinho, é um ser dual, ou seja, composto de corpo e alma, sendo o corpo a parte mortal e perecível e a alma, a parte eterna e imperecível. A existência da vida no corpo se dá porque nele habita a alma que é princípio: “a natureza das coisas não pode existir sem a alma”. (Sol., IV, 5). Algo que dá vida não pode conter a morte em si e este é um dos argumentos agostinianos para afirmar a imortalidade da alma: “Se

⁴⁶ PEGUEROLES, Juan. 1972. Pág.12. ‘*Cuál es la verdad que busca Agustín? La verdad de la Sabiduría, no de las verdades de la Ciencia. La filosofía, para san Agustín no trata de problemas, sino del problema del hombre: que es el hombre? ¿Cuál es el fin del hombre? ¿Cómo llegar a ser hombre? En filosofía solo hay dos problemas fundamentales, que en el fondo son uno solo: Dios y el hombre*’.

perece, pelo fato de perecer, a alma deixa de ser alma: aquilo que dá a vida, para onde quer que vá, não pode admitir a morte em si” (*Sol.*, XIII, 23). Constatamos a plena convicção agostiniana relativa à imortalidade da alma, quando o vemos afirmar ser ela a ‘morada da verdade’.

A verdade traz em si as características da eternidade e da imutabilidade. Ainda, “a Verdade dá de si mesma dentro de nosso espírito um testemunho de sua presença que não é possível ignorar. Ela é o fim da aspiração mais profunda de nossas almas⁴⁷”. A alma como ‘morada da verdade’ consiste para Agostinho, algo eterno e imutável, aquilo que é mister conhecer para que se possa alcançar a Deus: “Sem embargo, na ordem natural do conhecer humano, a primazia temporal recai no conhecimento do homem, no conhecimento da alma, já que através dela podemos chegar a Deus⁴⁸”. O conhecimento da alma repousa no conhecimento de que ela é eterna, imutável e, portanto, existiu desde sempre: “Se provarmos que haveremos de viver para sempre seguir-se-á também que seremos para sempre”. (*Sol.*, II, 1).

Somente em algo imutável e imperecível pode residir a verdade, por isso, imutabilidade e imperecibilidade devem ser também prerrogativas da alma, uma vez que ela é a ‘morada da verdade’. Se aquilo que mora ou faz morada é eterno e imutável, como o é a verdade, segue-se que a sua morada (a alma) é igualmente eterna e imutável.

Agostinho diz que o homem necessita conhecer a alma para conhecer a Deus já que Deus tem como morada a alma do homem. Deus seria, portanto, o que dá vida à alma do

⁴⁷ VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág. 131. ‘*La Verdad da de si misma dentro de nuestro espíritu un testimonio de su presencia que no es posible ignorar. Ella es el fin de la aspiración más honda de nuestras almas*’.

⁴⁸ GARCÍA-JUCENDA. 1988. Pág.124. ‘*Sin embargo, en el orden natural do conocer humano, la primacia temporal recae en el conocimiento Del hombre, en el conocimiento Del alma, ya que a través de ella podemos llegar a Dios*’.

homem, e, ao mesmo tempo, a própria vida: “Tu és vida das almas, a vida das vidas, que vives em razão de ti mesmo, e que não mudas, ó vida de minha alma!”. (*Conf.*, III, 6).

Desta forma concluímos: sendo a verdade imortal, ela deve residir em algo que também seja imortal. Se a verdade residir no homem, que é carnal e mortal, deve haver nele algo imortal e este algo é a sua alma. É pelo conhecimento de sua alma que o homem voltando ao seu interior compreende as aspirações que carrega: “o retorno ao interior de si mesmo e a ascensão da mente pelas coisas visíveis e mutáveis à verdade invisível e imutável constitui o fim da mais alta aspiração da alma”⁴⁹.

Para Santo Agostinho o conhecimento de Deus se inicia pelo conhecimento da alma e a verdade é o entendimento necessário para que se conheça Deus. Se o conhecimento de Deus se dá através do conhecimento da alma é mister que o homem busque a Deus em si mesmo ou no seu interior. Santo Agostinho diz que é através do acesso interior do homem à sua alma que ele pode conhecer a sabedoria de Deus e, através dela, acercar-se de Deus mesmo.

E subíamos ainda mais ao interior de nós mesmos, meditando, celebrando a admirando as suas obras. E chegamos assim ao íntimo de nossas almas. Indo além, atingimos a região da inesgotável abundância. (*Conf.*, IX, 10).

A Sabedoria Divina é a compreensão absoluta “uma espécie de luz inefável da mente” (*Sol.* XIII, 22) não se revelando a todos, mas, somente “a seus pouquíssimos e bem selecionados amantes” (*Sol.*, VIII, 22) uma vez que, aos que a aspiram, Agostinho afirma: “a castíssima beleza da sabedoria só se mostrará se a amares apaixonadamente”. (*Sol.*, VIII, 23).

⁴⁹ VEGA. 1981. PÁG.55. ‘*El retorno al interior de sí mismo y la ascensión de la mente por las cosas visibles y mutables a la verdad invisible y infinita constituye el fin de la más honda aspiración del alma*’.

O homem, para lograr o conhecimento da alma e o conhecimento de Deus, necessita buscar a sabedoria, pois ela é sua fiel condutora através das trevas de sua própria mente, rumo à luz de sua alma. A maior razão humana da infelicidade é a ignorância ou carência, o ignorar é que conduz o homem à miséria: “a maior e mais deplorável indigência é a privação da sabedoria” (*De beat. vita, VI, 27*). Assim o conhecimento da felicidade é possível somente àquele que conhece a sabedoria:

Todos desejam ser felizes, logo conhecem (pré-conhecem) a felicidade. E como a felicidade é inseparável da sabedoria (da verdade), se todos desejam ser felizes, todos desejam ser sábios; logo conhecem (pré-conhecem) a sabedoria⁵⁰.

A vida daquele que não possui a sabedoria seria, segundo a visão agostiniana, uma vida triste e ignorante. Nada pode enxergar aquele que vive de olhos vendados e entregue a ignorância, assim, toda pessoa ignorante e não possuidora de sabedoria, seria indigente.

Quando dizemos de alguém: ‘está carente’ é como se disséssemos: ‘está nu’ (*De beat. Vita, IV, 29*). A carência ou indigência (*egestas*) é a palavra que significa ‘não possuir’. A indigência da alma (*animi egestas*) para Santo Agostinho não é outra coisa que estultícia (*stultitia*) que é o oposto de sabedoria. (*De beat. vita, VI, 28*).

Aquele que não possui sabedoria padece de grande carência (*egestatem*), enquanto nada falta a quem possui sabedoria. A estultícia é a própria carência (*egestate*), sinônimo de indigência, característica comum do homem insensato: “o insensato possui o espírito cheio de defeitos (*spiritum esse vitiosum*) e todos esses vícios da alma encontram-se incluídos na única palavra: estultícia”. (*De beat. vita, VI, 30*).

⁵⁰ PERGUEROLES. 1972. Pág. 86. ‘*Todos desean ser felices, luego conocen (preconocen) la felicidad. Y como la felicidad es inseparable de la sabiduría (de la verdad), si todos desean ser felices, todos desean ser sabios; luego conocen (preconocen) la sabiduría*’.

O homem ignorante ou indigente seria aquele que padeceria de ‘grande carência’, ou seja, aquele cuja vida cultiva os vícios corpóreos e a eles está entregue. A entrega aos vícios e ao gozo das paixões enche o espírito do homem de defeitos e este espírito indigente é pleno de ignorância. A forma apontada para livrar-se da estultícia é o cultivo da virtude que conduz à sabedoria. Isso ocorreria porque a sabedoria, por ser a compreensão divina, conduz o homem à luz de seu próprio espírito, por provir da luz inefável de Deus.

Se a estultícia significa carência ou indigência, seu oposto é a plenitude, ainda que os gramáticos usam indicar opulência como seu sinônimo. A plenitude para Santo Agostinho é encontrada na justa medida da alma ou onde haja moderação e temperança (*modestiam et temperantiam*). Onde há medida (*modus*) e proporção (*temperies*) não existe nem mais nem menos que o necessário e aí reside a plenitude. “Se a estultícia é indigência a sabedoria será plenitude” (*De beat. vita, VI, 31*), logo, “a sabedoria é”, portanto, “a medida da alma” (*De beat. vita, VI, 32*). Mas, como seria este homem que possuísse o dom divino da sabedoria e como fazer para reconhecer a verdadeira sabedoria?

O sábio para Santo Agostinho é aquele que não padece necessidades e, por isso, sua alma permanece em equilíbrio de modo a não se dispersar em excessos nem sofrer por carências. Poderíamos reconhecer tal indivíduo por ser ele conhecedor da medida das coisas terrenas e não padecer dos excessos decorrentes da ignorância. Por este motivo que encontramos Riesco, grande estudioso agostiniano, reconhecendo a filosofia agostiniana como uma filosofia que é sabedoria, assim:

A filosofia agostiniana é sabedoria, ascensão do espírito a Verdade Suprema, atividade da fé e da razão em seu desenvolvimento substancial até Deus até possuí-lo e gozá-lo pela união e amor⁵¹.

⁵¹ RIESCO, Gabriel. 1954. Pág. 63. ‘*La filosofía de San Agustín es sabiduría, ascensión del espíritu a la Verdad Suprema, actividad de la fé y la razón en su desenvolvimiento sustancial asta Dios hasta poseerlo y gozarlo por la unión y el amor*’.

Na realidade, para Santo Agostinho, o homem sábio possui o que de mais precioso se pode encontrar nesta vida, o conhecimento de seu Deus e por isso é um homem feliz. “O homem feliz seria aquele a quem nada falta, por estar ele abraçado a seu Deus (*amplexus a Deo suo*)”. (*De beat vita, VI, 33*).

Por nada faltar ao homem possuidor da sabedoria e conhecedor de Deus, pode-se dizer que ele repousa na felicidade. Mas, se o caminho consiste na justa medida (*modus*) e na proporção (*temperies*), a auto-reflexão do homem em relação aos seus desejos, o mesurar de suas intenções e o sondar de suas próprias faculdades sensoriais, consistiria caminho para o direcionar ao conhecimento de Deus.

Podemos entender a expressão ‘abraçado a seu Deus’, como se houvesse uma necessidade do homem, de alguma forma, ‘estar em Deus’ para que pudesse compreender que há Deus nele. Segundo Santo Agostinho, Deus reside não somente no interior do homem, mas, em todas as coisas existentes e não existentes, pois, sem Ele, nada jamais poderia ser:

Quem dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que está nele? Existe, porém, algo no homem que nem seu espírito conhece. Mas tu, Senhor, que o criaste, tudo conheces. (*Conf., X, 5*).

Para compreensão deste mesmo Deus é necessário que o homem aceite o conhecimento de si próprio, ou melhor, a interiorização que permitirá encontrar-se em sua morada, a alma, morada da verdade e conseqüente morada de Deus: “daí a necessidade para o homem de chegar ao autoconhecimento, porque somente através dele se abre passo a transcendência”⁵².

⁵² GARCÍA-JUCENDA. 1988. Pág. 123. ‘*De ahí la necesidad, para el hombre, de llegar al autoconocimiento, porque sólo a través de él se abre paso a la transcendencia*’.

O sentido da existência do homem é a compreensão de si próprio e somente através de sua interiorização é que o homem pode conhecer a Deus: “a luz estava em meu interior, mas, eu olhava para fora” (*Conf., VII, 11*), ou ainda: “desapareceu de nossa vista para que entremos em nosso coração e aí o encontremos”. (*Conf., VI, 17*).

Para Santo Agostinho o homem que não buscar conhecer a si mesmo, não conhecerá a Deus, uma vez que Deus habita no coração do homem: “Eis que ai estás, no coração de quem te reconhece” (*Conf., X, 2*), ou, pelo mesmo caminho, “bom para mim é apegar-me com Deus porque se eu não permanecer nele tampouco permanecerei em mim mesmo”. (*Conf., VII, 11*).

Sobre a completude do homem em Deus vemos as palavras de García-Junceda: “Por sua abertura, seu dinamismo, consequência clara de sua natureza finita, o homem tende a sua perfeição e completude, que só alcançará em Deus”⁵³. Ainda, segundo Pegueroles: “Deus é o fim do homem porque é seu princípio, seu Criador. O homem vai a Deus porque vem Dele”⁵⁴.

5.2 Sobre Deus

Iniciando-se na compreensão da natureza de Deus, Agostinho esforçava-se por imaginá-lo: “Eu era sempre constrangido a imaginar-te, se bem que não sob forma de corpo humano, sempre como algo corpóreo, situado no espaço, seja infuso no mundo, seja difuso pelo espaço infinito fora do mundo”. (*Conf., VII, 1*).

⁵³GARCÍA-JUNCEDA. 1988. Pág. 136. ‘*Por su apertura, su dinamismo, consecuencia clara de su naturaleza finita, el hombre tiende a su perfección y completud, que solo alcanzará en Dios*’.

Era humano, demasiadamente humano: “de fato, meu pensamento não ia além do que se vêem com os olhos do corpo” (*Conf., VII, 1*). E, com o pensamento que desenvolvia de Deus estendia ao absoluto sua própria limitação; sem saber, até aquele momento, o que viria a experimentar. Deus era-lhe misterioso e era desde sua limitação humana que Agostinho se esforça em imaginá-lo:

E a ti, vida da minha vida, também a ti eu te concebia como entidade que se estende por toda parte, e vai penetrando, através dos espaços infinitos, em todo o universo, e alastrando-se também fora dele na imensidão sem limites. (*Conf., VII, 1*).

Para este Autor o não conhecimento de Deus pelo homem em nada influenciava a existência mesma de Deus. Ainda que o homem nada saiba de Deus, nem o reconheça, Deus faz-se imanente em seu interior, ou seja, porque é Deus a própria vida, ou melhor, aquele que anima o ser:

Agora eu te reconheço e confesso, a ti que tiveste compaixão de mim quando eu ainda não te conhecia. Tu estavas mais dentro de mim do que a minha parte mais íntima. E eras superior a tudo o que eu tinha de mais elevado. (*Conf., III, 6*).

Assim, faz-se patente a superioridade de Deus, pois, Ele é o que cria e pelo qual todas as coisas passarão: “Todavia, melhor é ainda aquele que criou todas as coisas, o nosso Deus, que não passa, pois nada se sucede a ele”. (*Conf., III, 6*).

O homem compreende a matéria porque pode experimentá-la, como poderia compreender algo que não seja material? “Deus é espírito que não possui membros com medida de comprimento e largura; nem é matéria, porque a matéria é menor em sua parte que no seu todo”. (*Conf., III, 7*). Mas se Deus fosse composto de matéria seria, portanto, mensurável em suas partes e não poderia ser infinito:

⁵⁴ PEGUEROLES, Juan. 1972. Pág. 95. ‘*Dios es el fin del hombre porque es su principio, su Creador. El*

Ainda que a matéria fosse infinita, seria menor em alguma de suas partes, limitada por certo espaço, do que na sua infinitude; nem se concentra toda inteira em qualquer parte, como o espírito, como Deus. (*Conf., III, 7*).

Mesmo que a dificuldade de conceber a essência de Deus persistisse, Agostinho comprovou a superioridade Divina perante as criaturas quando abraçou a conclusão de que o incorruptível é melhor que o corruptível, sendo os homens de natureza corruptível e somente Deus incorruptível:

Mas me ocorria outra forma de conceber-te. Esforçava-me por imaginar-te - eu, homem, e que homem! – como grande, o único e verdadeiro Deus. Com todas as forças da minha alma, eu te considerava incorruptível, inviolável, imutável, pois, embora ignorando a causa e o modo desta certeza, via claramente e estava certo de que tudo aquilo que é sujeito a corrupção é certamente inferior aquilo que não é. E o que não é passível de corrupção, sem hesitação eu colocava acima daquilo que é passível. Então compreendia: o que é imutável é melhor do que aquilo que pode mudar. (*Conf., VII, 1*).

Portanto, poderia de alguma maneira tratar-se de um Deus corruptível? Nas palavras do Autor:

De modo algum pode a corrupção afetar nosso Deus, seja por uma vontade, seja por qualquer necessidade, ou seja, por qualquer acontecimento imprevisto, porque ele é o próprio Deus, e tudo o que quer para si é bom, e ele próprio é o bem. (*Conf., VII, 3*).

Colocando o que não é passível de corrupção acima do que é passível Agostinho afirmava a prevalência de Deus sobre os homens, primeiro por ser Deus o eterno (não criado), segundo por ser o Criador e terceiro por não ser limitado por nada (pelo fato de não conter limite em si mesmo).

Por ser o conhecedor de todas as coisas e, portanto, motivador de todas elas, Deus não pode participar da natureza corruptível das coisas, pois, a divindade não se corrompe com o que quer que seja: “Nenhum ser existe, senão enquanto o conheces. Mas por que gastar tantas palavras para demonstrar que Deus não é substância corruptível, quando, se o fosse, já não seria Deus?” (*Conf., VII, 3*).

Há também outra passagem onde o Filósofo demonstra a superioridade de Deus (afirmando ser Deus o Criador e limite de toda criação) e dizendo que aquele que cria jamais pode ser inferior àquele que é criado, uma vez que as criaturas são formas do criador manifestar-se: “Todos os seres criados têm seu limite em Deus. Sendo ilimitado em si mesmo manifesta-se através dos seres que criou”. (*Conf., VII, 1*).

As criaturas de Deus têm sua existência vinculada diretamente ao conhecimento delas por Ele, pode-se dizer que, para Santo Agostinho, nada existe até que seja reconhecido por Deus: “A terra, o céu e todas as coisas te continham, e todas elas encontravam em ti seu limite, enquanto tu não eras limitado por nada”. (*Conf., VII, 1*).

Agostinho compreendia cada dia mais a natureza de Deus. Primeiro, entendendo a corruptibilidade das coisas materiais - que o fez entender a natureza incorruptível de Deus; também pela confiança que se fortalecia em seu interior. Era a comprovação da existência e do poder indescritível de Deus e a consciência da incapacidade de defini-lo como ser corpóreo ou mutável, por ser o Criador e mantenedor de tudo o que existe.

Eu estava certo de que existes e de que és infinito, sem no entanto, te estenderes por espaços finitos ou infinitos; de que existes realmente, porque és sempre igual a ti mesmo, sem te tornares jamais diferente ou de algum modo mudares; de que todas as coisas provêm de ti, como prova o único e irrefutável fato de existirem. (*Conf., VII, 20*).

Agostinho utiliza o fato das coisas só terem existência em Deus para dizer que, por provirem de Deus, passam a ser prova de que Ele existe. Faz, assim, da existência das coisas, prova da existência de Deus. Encontramos, na descrição do pecador que viria tornar-se Santo, a designação de Deus pelos adjetivos inefável, Sumo Bem, altíssimo, poderosíssimo, misericordioso, entre outros que apontaremos a seguir. A palavra inefável é utilizada para descrever algo que é indizível, inexprimível. Porque então utilizar palavras para descrever o que é indescritível?

Agostinho enxergava a Deus como a totalidade do que existe e sempre o representava aos homens, enfatizando sua bondade e misericórdia. O vemos qualificar a Deus com as mais nobres palavras que pudesse conhecer na tentativa de encontrar definições para Aquele que estava fazendo tantas reviravoltas em seu interior:

O que és portanto, meu Deus? O que és, pergunto eu, senão o Senhor meu Deus, ó Altíssimo, infinitamente bom, poderosíssimo, antes todo-Poderoso, misericordiosíssimo, justíssimo, ocultíssimo, presentíssimo, belíssimo, fortíssimo, estável e incompreensível, Imutável que tudo muda, nunca novo e nunca antigo, conduzindo à decrepitude os soberbos, sem que disso se apercebam, sempre em ação e sempre em repouso, recolhendo e de nada necessitando; carregando, preenchendo e protegendo; criando, nutrindo e concluindo; buscando ainda que não falte. Amas e não te apaixonas, tu és cioso, porém tranqüilo; tu te arrependes sem sofrer; entras em ira mas és calmo; mudas as coisas sem mudar teu plano; recuperas o que encontras sem nunca teres perdido; nunca estás pobre mas te alegras com os lucros; não és avaro mas exiges os juros; nós te damos em excesso para que sejas nosso devedor. Mas, quem possui alguma coisa que não seja tua? Pagas as dívidas, sempre sem que devas a ninguém, e perdoas o que te é devido, sem nada perderes. (*Conf., VII, 3*).

Vemos que o Deus agostiniano é a encarnação das maiores qualidades que possam existir. Justíssimo porque ‘conduz à decrepitude os soberbos’. Altíssimo, pois sem que possamos perceber encontra-se ‘sempre em ação e sempre em repouso’. Infinitamente bom pelo fato de estar sempre ‘recolhendo e nada necessitando’. Ocultíssimo porque ‘recuperas o

que encontras sem nunca teres perdido’. Presentíssimo por não ser ‘nunca novo e nunca antigo’. Fortíssimo por estar ‘sempre carregando, preenchendo e protegendo’. Poderosíssimo por estar sempre ‘criando, nutrindo e concluindo’. Incompreensível já que ‘amas e não te apaixonas’. Belíssimo uma vez que ‘entras em ira, mas és calmo’. Todo Poderoso já que ‘mudas as coisas sem mudar teu plano’. Estável porque ‘nunca estás pobre, mas te alegras com os lucros’. Misericordiosíssimo porque ‘pagas as dívidas, sempre sem que devas a ninguém e perdoas o que te é devido, sem nada perderes’.

Santo Agostinho deseja que os homens reconheçam as qualidades de Deus para que estejam mais seguros em sua entrega a Ele. Isso se pode comprovar pelas palavras de Julivet: “Todos os seres podiam respirar já uma atmosfera mais pura e livre, porque se encontram nas mãos de Deus e não de um tirano”⁵⁵.

Percebemos que a inefabilidade de Deus não impedia o Homem Santo lhe dar diversas qualificações, expressando o êxtase que vivia em trilhar o caminho que elegera. Sim, Agostinho acreditava que era possível conhecer a Deus. E é desta forma que se dá sua aventura, no momento que decidira qual era a razão da sua vida: quando desejoso de encontrar-se com Deus, lançara-se em sua busca.

5.3 A felicidade do homem em Deus

Ao se conhecer o homem percebe que Deus habita em seu interior, assim, completa sua natureza, conhece a verdade e é feliz. Mas para que esse caminho seja perfeito é preciso que o homem se afaste de tudo o que impede de unir-se com Deus. Nos textos que

estudamos, foi recorrente a afirmação de que as paixões são meios do homem obter satisfação meramente ilusória: “Na verdade esses bens inferiores também satisfazem, mas não como satisfaz o meu Deus, que tudo criou, pois nele o justo encontra a sua alegria, e ele é a alegria dos homens de coração reto”. (*Conf., II, 5*).

Toda vez que o homem busca satisfação em algo que não seja Deus, além de fazer-se infeliz, desfalece em pecado: “Eis aí a razão secreta da angústia. A alma do homem quer permanecer e deseja descansar nas coisas que ama”⁵⁶. O pecado seria, neste caso, a soberba humana que pensa poder algo fora de Deus e não o reconhece Criador: “É assim que o homem peca, quando se afasta de ti e busca fora de ti a pureza e a limpidez, que ele não pode encontrar senão voltando a ti”. (*Conf., II, 4*).

O mito do ‘homem deus’, cheio de orgulho e miséria, apoiado em suas próprias convicções é para Santo Agostinho a prova da angústia do homem frente à sua pequenez. O homem afasta-se daquele que lhe deu a vida, brada sua independência afirmando poder tomar o lugar de Deus, ou ser ele seu próprio Deus, e, desta maneira imita-o, acabando por aproximar-se daquilo de que se afasta:

Todos aqueles que se afastam de ti e contra ti se rebelam, a ti estão imitando de forma pervertida. Ainda que imitando-te deste modo, mostram que és o criador do universo e, portanto, que não há para onde nos possamos afastar totalmente de ti. (*Conf., II, 6*).

Santo Agostinho diz que o homem é atraído pelo pecado e susceptível a todo tipo de enganação. Entretanto, a este homem ingênuo e pecador Deus pode, por sua vontade, preservar da culpa e perdoar os erros cometidos: “Sei que pela tua graça e misericórdia meus

⁵⁵ JOLIVET, Regis. ‘*San Agustín y el Neoplatonismo Cristiano*’. Trad. G. Blanco; O. Iozzia; M. Guirao; J. Otero; E. Pironio y J. Ogar. Buenos Aires. Ediciones C.E.P.A. 1932. Pág.48. ‘*Todos los seres podían respirar ya una atmósfera más pura y libre, porque se hallaban en las manos de Dios y no de un tirano*’.

⁵⁶ VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág.72. ‘*He ahí la razón secreta de la angustia. El alma del hombre quiere permanecer y anhela descansar en las cosas que ama*’.

pecados se desfizeram como gelo ao sol; devo a tua graça também todo mal que não pratiquei”. (*Conf., II, 6*). Todas as coisas são renovadas em Deus: os pecados são perdoados e Agostinho dirige preces a Deus, rogando auxílio a não mais cometê-los:

A que ponto não poderia ter chegado eu que amei o pecado por si mesmo e sem outro motivo? Senhor, proclamo que me perdoaste todas as culpas, quer cometidas voluntariamente, quer as que, por tua graça não cometi. (*Conf., II, 6*).

Agostinho afirma que por ser falível, o homem necessita da ajuda de Deus para livrar-se da prática do pecado e somente através da Misericórdia Divina poderá alcançar a castidade e a inocência. Deus dá ao homem os atributos da castidade e inocência para fazer-se conhecer através destes mesmos atributos.

Qual o homem que, consciente de sua própria fraqueza, tem a ousadia de atribuir às próprias forças o mérito da castidade e da inocência, a ponto de amar-te menos, como se não precisasse da tua misericórdia, pela qual perdoas as culpas de quem arrependido se volta para ti? (*Conf., II, 6*).

Deus, fonte de todo o bem, Deus de misericórdia e piedade absoluta, eternamente complacente e distribuidor de graças, Deus a quem Agostinho rogava auxílio e companhia frente às dificuldades da vida, a quem dirigiu suas preces e toda a sua confiança. É a esse Deus bom e causa do bem, que vemos Agostinho clamar e em quem deseja repousar para conhecer a paz:

Eu quero a ti, ó justiça, ó inocência, ó beleza que atraí o olhar dos virtuosos, que em ti se satisfazem sem jamais saciar. Junto de ti existe paz profunda e vida imperturbável. Quem mergulha em ti, ‘entra no gozo do Senhor’, não terá mais receio e permanecerá sumamente bem no Bem supremo. (*Conf., II, 10*).

O que Agostinho buscava, como já vimos, estava muito além do gozo e deleite que a vida material ou terrena podia proporcionar-lhe. A ambição é para ele a miséria, o desejo de honras é a angústia, as riquezas são o sofrimento:

Eu aspirava as honras, à riqueza, ao matrimônio, e tu rias de mim. Nesses desejos amargos eu sofria dissabores, e tu me querias tanto mais bem quanto menos consentias que eu experimentasse consolação naquilo que não era tu. (*Conf., VI, 6*).

Nas alegrias terrenas, que trazem apenas felicidade passageira, Agostinho já não alcançava sequer pequena alegria, assim, o vemos bradar: “Se me sorria um momento de felicidade, hesitava em segurá-lo, pois estava cômico de que voaria antes mesmo que eu o alcançasse”. (*Conf., VI, 6*). Seus objetivos eram outros: queria a paz, queria conhecer a felicidade, queria gozar no bem. Entretanto, aquele que não conhece os desejos que Santo Agostinho trazia em seu interior, não o compreende quando o vê afirmar que tenha encontrado a felicidade.

Para Santo Agostinho é indispensável que cada um saiba por onde deve buscar aquilo que almeja, assim como, aquele que deseja comprar medicamento não deve ir a uma loja de sapatos, também o que busca a felicidade não deve procurá-la em coisas fugidias, por serem estas coisas apenas instrumento da vaidade: “Bem sei que o importante é saber de onde vem a alegria de cada um, e a felicidade que vem da esperança da fé é profundamente diferente daquela vaidade”. (*Conf., VI, 6*). A felicidade que vem da esperança da fé é a felicidade daquele que crê em algo e espera em algo: a felicidade daquele que conhece onde buscar aquilo que almeja, a felicidade de quem espera em Deus.

Ainda um outro argumento de Santo Agostinho sobre a necessidade de abstenção dos prazeres é o de que o homem sabe que na raiz mesma do desejo de obter o prazer existe a dor e ele escolhe padecer neste sofrimento no intuito de lograr alcançar aquilo que lhe faltava. Seria, portanto, uma forma de padecimento voluntário em troca de um benefício: o de

alcançar algo desejado. Para Santo Agostinho esse tipo de felicidade é por si só carente; porque todo prazer humano vem sempre precedido de uma carência e é ancorado nessa carência que o ser busca a satisfação e está sempre mais desafiado a alcançar aquilo que almeja:

Os próprios prazeres da vida são obtidos, não apenas à custa de sofrimentos fortuitos e inesperados, mas por incômodos previstos e voluntariamente aceitos. Não há prazer em comer e beber, se não for precedido pelo mal estar da fome e da sede. (*Conf.*, VI, 4).

Assim, a alegria humana meramente passageira, para ser mais apropriadamente satisfatória, deve ser procedida de um incômodo e o homem aceita a tal incomodo para poder gozar do prazer de ter aquilo que deseja. Da mesma maneira, segundo Santo Agostinho, a felicidade em Deus também é precedida de incômodo e de dor: “Uma grande felicidade é precedida sempre de um grande sofrimento”. (*Conf.*, VIII, 3).

Mas, se a dor é comum aos que buscam, sejam coisas terrenas ou divinas, o que diferencia tais buscas? Qual seria a diferença existente entre a busca pela alegria terrena e a busca pela felicidade em Deus? O Autor afirma que ‘Deus é ele mesmo a própria alegria’, e questiona porque o homem busca a felicidade fora de Deus e porque tão poucos sabem gozar nele.

Porque isso, meu Deus? Porque, se tu és para ti mesmo a própria alegria, e somente algumas criaturas perto de ti gozam sempre esta alegria? Porque nesta outra parte do universo há dessas alternativas de regressos e progressos, de combates e acordos? (*Conf.*, VIII, 3).

Agostinho nunca se conformou com o fato de Deus ser algo a que somente alguns privilegiados pudessem ascender. Entretanto, a resposta que ele encontra a pergunta que se coloca, do motivo pelo qual na alegria de Deus gozam apenas alguns, é a de que não foi Deus

que abandonou o homem e sim o homem que, por sua natureza, sente penoso o regresso a Deus: “Nunca nos abandonaste e, no entanto, sentimos dificuldades em retornar para ti”. (*Conf., VIII, 3*).

O motivo do retorno do homem a Deus é ancorado no fato de que este reencontro lhe renderia muitas alegrias, alegrias estas que só reconheceria aquele que tivesse perdido o que desejava e depois reencontrasse: “Por que a alma sente mais alegria ao encontrar ou reaver os objetos que estima, do que se os tivesse possuído sempre?” (*Conf., VIII, 23*).

A busca humana pela felicidade findaria, portanto, no retorno do homem a Deus. A diferença entre a busca da alegria mundana e passageira ‘versus’ a busca da felicidade em Deus seria resolvida quando o homem descobrisse que, diferente de alcançar uma alegria passageira nas coisas humanas, quando buscasse sua alegria em Deus, através do retorno a ele, conheceria a plena felicidade.

“E esta fome de verdade é a inquietude por Deus, a ansiedade por conhecê-lo e possuí-lo, de que somente descansaremos em Deus mesmo”⁵⁷. E se a dor é comum àqueles que buscam, será muito maior a satisfação daquele que encontra uma felicidade eterna em Deus do que aquele que deve contentar-se com a alegria encontrada furtivamente nas coisas fugidias. Santo Agostinho enaltece a disponibilidade compreensiva e humilde de Deus frente ao homem, no sentido de que Deus sempre aguarda o retorno daqueles que o procuram e que está sempre solícito às angústias do coração humano.

A Misericórdia de Deus era para o Autor uma das maiores motivações em seguir acreditando na mudança que ocorreria naquele que se entregasse. Essa busca incessante seguida de uma entrega voluntária é o que desencadeia a mudança no interior do ser humano. A entrega voluntária do homem a Deus desencadearia nele uma grande transformação, e, por

meio desta transformação, seria banido do homem todo o possível mal que nele existisse: “Ele não só é induzido a ver-te, a ti que és sempre o mesmo, mas também a curar-se para poder possuir-te”. (*Conf.*, VII, 21).

O homem não somente indo ao encontro de algo, mas transformando-se, purificando-se, modificando-se para encontrar este algo. Era necessário ocorrer uma cura no interior daquele que desejasse possuir a Deus e encontrar a felicidade. Era preciso que ocorresse o nascimento de um novo ser para que, este sim, pudesse ir ao reencontro de Deus, ao encontro da felicidade.

E essa cura necessária à posse de Deus se dá, segundo Agostinho, através da busca humana pela transformação, mas, necessita da obra do Pai para que possa concretizar-se. O uno e imutável revelar-se-ia para aquele que tivesse fé e soubesse expressar o desejo de seu coração. Como vimos rogar santo Agostinho: “Senhor, tem compaixão de mim e atende o meu desejo”. (*Conf.*, XI, 2).

5.4 Uma doutrina fundada na experiência da vida

Mas, afinal, qual era este tão grande desejo pelo qual ardentemente rogava o coração daquele homem? Podemos dizer que, não apenas um mero desejo, mas, o motivo de toda sua existência: o anseio pelo conhecimento de Deus. Assim, quando pede que Deus atenda seu pedido e se permita conhecer, Agostinho reza: “Ó Deus, tu que me conheces, faze que eu te conheça, como sou ‘por ti conhecido’” 1Cor 13,12. (*Conf.*, X, 1).

⁵⁷ VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág. 69. ‘Y esta hambre de verdad es la inquietud por Dios, la ansiedad por onocerle y poseerle, de la que solo descansaremos en Dios mismo’.

Faz-se patente que a forma como almejava conhecer a Deus não era, de maneira alguma humana, senão que, algo mais que sobre-humano, pois, em seu pedido roga: ‘que eu te conheça, como sou por ti conhecido’. Agostinho não buscava somente conhecer a Deus, antes, desejava conhecê-lo como era por Ele conhecido. Em seu interior uma voz clamava sobre o que fazer e o que buscar; podemos escutar de suas confissões: “Meu coração me diz: eu busquei a tua face. É a tua face, Senhor, que eu procuro”. (Sl 26,8). (*Conf., IX, 3*).

A revelação da face de Deus era, em princípio, seu desejo, e, para tal, Agostinho nunca se envergonhou de implorar a atenção divina. A confiança que depositava em Deus estava pautada nas obras que Deus já havia realizado em sua vida, como vemos: “Quando te invoquei, tu me escutaste, ó Deus da minha justiça, aliviaste-me nas minhas angústias. Tem piedade de mim, Senhor, e escuta a minha oração”. (Sl 4,2). (*Conf., IX, 4*).

A compreensão do que aconteceu em sua vida teve início quando estreitou seu relacionamento com Deus; então o Cristão de Hipona compreendeu a Misericórdia Divina através das mudanças ocorridas em seu interior: “Mas tu, Senhor bom e misericordioso, com tua mão explorastes as profundezas de minha morte e purificaste o abismo de corrupção do meu espírito”. (*Conf., IX, 1*).

Conhecendo mais e mais seu interior e os motivos pelos quais se havia perdido sua alma errante, Agostinho apercebia-se do ‘limbo’ que havia experimentado nos tempos de gozos e prazeres. Agora era através da Misericórdia de Deus que sentia renascer em seu interior um novo ser: mais consciente e completamente novo. E então começa a regozijar-se na abstenção dos prazeres: “quão suave se tornou de repente para mim a privação das falsas delícias!” (*Conf., IX, 1*). Já transformado pela ação divina vivia agora o que tanto desejara: não era mais ele quem elegia o que fazer ou não fazer, era Deus que agia nele: “Isso

aconteceu no momento em que eu não queria mais aquilo que antes desejava, e queria aquilo que tu querias”. (*Conf., IX, 1*).

Com a conversão Agostinho inicia uma nova fase, plena de gozos, porém, completamente distinta dos gozos que vivera no passado:

Meu espírito libertava-se agora das preocupações torturantes da ambição e da avareza, dos pruridos da sarna das paixões. Se me entretinha agora contigo, ó minha glória, riqueza e salvação, Senhor meu Deus. (*Conf., IX, 1*).

E começou a sentir a suavidade de Deus quando se percebeu liberto das paixões:

Eu que tanto temia perdê-las senti prazer agora em abandoná-las. Tu, ó verdadeira e suprema suavidade, as afastavas de mim. Afastavas e entravas em lugar delas, mais doce do que qualquer prazer - é claro não pela carne, nem pelo sangue - mais luminoso que toda luz, porém mais oculto que qualquer segredo, mais sublime que todas as honras, mas não para aqueles que se exaltam a si mesmos. (*Conf., IX, 1*).

Parece que Agostinho, enfim, encontra a felicidade, afastando-se docemente das paixões e acalentado no calor do amor de Deus. Em sua nova condição aprende que apenas aquele que renega a carne, exulta e rende glórias a Deus, pode vivenciar e experimentar a felicidade; e não quem deseja exultar a si mesmo.

Agostinho nunca se mostrou satisfeito com o que experimentava; sabia da capacidade infinita e insondável do Deus em que acreditava e, desta forma, queria servir mais e mais em sua missão na terra. Na altura dos 33 anos abandonou sua profissão de professor na cátedra de Retórica em Milão e resolveu trabalhar na obra de Deus. Estava seguro do que buscava e persistiria até que viesse a encontrar: “Meu coração me diz: eu busquei a tua face. É a tua face, Senhor, que eu procuro”. (Sl 26,8). (*Conf., IX, 4*). Queria ver a Deus, queria contemplar sua face. Desejava, e, pela fé, rogava a Deus que lhe concedesse o que desejava.

Nunca se cansava de pedir, mesmo que recém convertido, depositava todas as suas forças na esperança do reencontro em Deus: “Quando te invoquei, tu me escutaste, ó Deus da minha justiça, aliviaste-me nas minhas angústias. Tem piedade de mim, Senhor, e escuta a minha oração”. (Sl 4,2). (*Conf., IX, 1*). Rogava pelo conhecimento e pela visão de Deus, queria encontrar a felicidade, e, porque a havia experimentado em seu interior, sabia que não mais se ausentaria dela.

Meus verdadeiros bens já não estavam fora de mim e já não os buscava com os olhos da carne à luz deste sol. Aqueles que pretendem encontrar a alegria fora de si mesmos facilmente encontram o vazio, dissipando-se nas coisas visíveis e temporais, das quais o seu pensamento faminto lambe somente as aparências. (*Conf., IX, 4*).

Somente em Deus poderia estar a sua felicidade. Que homem poderia lhe trazer algo que o fizesse feliz se a felicidade já estava com ele em seu interior? “Quem nos mostrará a felicidade? Que ouçam a nossa resposta: ‘Está gravada dentro de nós a luz da tua face, Senhor’”; Santo Agostinho compara Deus à luz quando diz que está gravada dentro de nós a face do Senhor, que é feita de luz. E o que nos ilumina é esta luz, esta luz que é Deus, e o homem somente abandona suas trevas quando dela participa: “De fato, não somos nós ‘a luz que ilumina todo homem’, mas somos iluminados por ti, para que sejamos ‘luz em ti, nós que fomos trevas um dia’”. (*Conf., IX, 4*).

Agostinho sofria por não poder dividir suas experiências com outras pessoas; porque sabia que cada qual teria de eleger e buscar por si mesmo e esse fato lhe era causa de grande padecimento. Desejava que interiormente brotasse em todos os seres o desejo de buscar a Deus na esperança de que um dia o pudessem vislumbrar: “Oh, se ao menos com o olhar interior vislumbrassem o eterno! Eu que já o havia saboreado, fremia por não poder mostrá-lo”. (*Conf., IX, 4*).

Mostrava-se sempre solícito em auxiliar o homem, em dividir sua experiência e experimentar as dores humanas. Para ele a única coisa que existe de verdadeiro é Deus e somente ele pode revelar-se ao homem. Deus é, portanto, tudo o que há de mais digno e precioso de ser buscado. Quem anseia conhecer a Deus necessita que ter um coração contrito, oferecer o que não é agradável em sacrifício e livrar-se do mal.

Uma vez oferecido o que não é agradável a Deus, e, livrando-se do mal, o homem deve, cheio de esperança, esperar em Deus. E é assim que Deus revela-se: naquele que nele espera. Santo Agostinho compreendia que só em Deus estava a felicidade, mas, ainda não sabia como agir para conduzir o homem ao desejo do reencontro com Deus.

Oh, se eles trazendo no olhar o coração voltado para longe de ti, me dissessem: Quem nos mostra os bens verdadeiros? Pois lá onde me tinha irado contra mim mesmo, no recôndito de minha alma, onde tinha tomado pela contrição, onde tinha oferecido em sacrifício a parte velha de mim mesmo, onde, cheio de esperança em ti, começara a meditar na minha renovação interior, lá mesmo tinhas manifestado pela primeira vez a tua suavidade e tinhas dado a ‘felicidade ao meu coração’. (*Conf., IX, 4*).

Quem tem a possibilidade de vivenciar a experiência da revelação divina são todos aqueles que meditam na renovação de seu interior e são perseverantes na busca. A manifestação de Deus se dá no interior do homem, e, para Santo Agostinho: ela é a própria felicidade. Segundo nosso Douto Santo não há miséria, nem cansaço, nem sofrimento naquele que repousa em Deus.

Se Deus é a felicidade, não existe motivo para que o homem busque no que quer que esteja fora de Deus, já que, somente nele, está a tranquilidade do homem: “Em ti está o repouso que faz esquecer todas as fadigas, nem vale a pena buscar outros bens que não sejam o que és. Só tu me trazes segurança”. (*Conf., IX, 4*). E a cada dia Agostinho meditava mais e mais nas Sagradas Escrituras, punindo-se pelas muitas vezes que havia se oposto a elas no

passado. Entristecia-se por não poder auxiliar os antigos amigos, nem conduzi-los pelo caminho que agora trilhava.

Não sabia o que fazer para salvar aqueles surdos mortos, a cujo grupo havia pertencido, quando ainda era uma peste, um cão raivoso e cego que ladrava contra as escrituras feitas de mel celeste e resplandecente de sua luz. (*Conf.*, IX, 4).

Foi por este, entre outros fatos, que Santo Agostinho procurou ser batizado: queria amenizar a angústia que sofria pelos pecados que cometera. Sentia que algo estava por revelar-se e que já não devia adiar mais aquele momento, então, encaminhou-se para ser batizado na companhia de seu amigo Alípio e seu filho Adeodato. Sobre o batismo, Agostinho disse:

Fomos batizados e desapareceu qualquer preocupação quanto à vida passada. Nesses dias, não me saciava a maravilhosa doçura de considerar a grandeza de teus desígnios para a salvação da humanidade. (*Conf.*, IX, 6).

Santo Agostinho era sedento por conhecer os desígnios de Deus, sabia de seu plano de salvação para humanidade e desejava participar ativamente deste plano tornando-se um membro da ordem divina, sendo conhecido por Deus e conhecendo-o cada dia mais. Este desejo leva-o as repetidas súplicas pela intervenção Divina na consecução de seus anseios. O que ele pedia? A graça de ver completar em si mesmo a Obra Divina e poder conhecer na própria pele os mistérios de Deus: “Ó Deus, completa em mim a tua obra e revela-me estes mistérios”. (*Conf.*, XI, 2).

Pelo batismo selara o compromisso que se propusera junto a Deus, entretanto, ainda muito tinha a nos ensinar por suas palavras e seu exemplo, o que parecia concluso estava apenas iniciando.

6. A REVELAÇÃO DA VERDADE PELA CONTEMPLAÇÃO DE DEUS

O que podemos concluir é que a fé conquistada por Santo Agostinho não é uma fé cega e sim uma fé ancorada em uma busca racional, operante e argumentativa. Perguntava-se: porque acreditar e em que acreditar? Acreditar para poder conhecer, acreditar no que irá se revelar. Entretanto, aquele que já se decepcionou uma vez é titubeante em novamente crer:

Assim como acontece muitas vezes, depois de experimentar um médico mau, receia-se confiar num bom, o mesmo acontecia à saúde de minha alma, que somente poderia curar-se pela fé, mas, para não acabar acreditando novamente em coisas falsas, recusava a cura, resistindo a ti que fabricaste o remédio da fé e, dotando-o de tão grande poder, o derramaste sobre todas as enfermidades da terra. (*Conf., VII, 5*).

O Filósofo Santo por diversas vezes hesitara em dar ouvidos à voz de seu interior, hesitara em escutar a voz que lhe dizia para ter fé. Porque acreditara em coisas falsas no passado, Agostinho demorou em ceder aos apelos de sua alma, que rogava pela cura.

Mesmo tendo sido um homem muito racional durante toda sua vida, uma vez iniciado o estudo das Sagradas Escrituras e obtendo a compreensão dos mistérios da fé, Agostinho passou a perceber que não comprovaria as coisas espirituais como se comprovam as coisas materiais, e que era mais seguro confiar nas coisas de Deus que naquelas que o homem demonstra por sua própria capacidade.

Desejava ter, em relação a todo resto, a mesma compreensão que tinha sobre isso, tanto em relação às coisas corpóreas não atingidas pelos sentidos, quanto em relação às espirituais, que eu só podia compreender em termos materiais. (*Conf., VII, 5*).

Foi escutando a interpretação que Bispo Ambrósio fazia das Sagradas Escrituras e meditando em suas palavras que Santo Agostinho fortificou-se na fé e um dos principais motivos que aderiu ao cristianismo e à doutrina católica:

Desde então passei a preferir a doutrina católica, porque agora compreendia: era mais modesto e sincero prescrever a fé em algo que não podia ser demonstrado, tanto por incapacidade da maioria dos homens como simplesmente por absoluta impossibilidade, do que zombar da fé, prometendo temerariamente uma ciência para afinal, impor uma crença numa grande quantidade de fábulas absurdas, incapazes de demonstração. (*Conf.*, VII, 5).

Essas fábulas eram os ensinamentos pregados pelos maniqueus. Ao abandonar a doutrina maniqueísta Santo Agostinho deixou para traz tudo o que proferira no passado e uma nova luz passou a iluminar sua compreensão. O estudo que realizava sobre as Sagradas Escrituras o elucidava, dia após dia, da veracidade das mesmas.

Convencido desta veracidade, tanto pela autoridade que via exercer em todos os povos desde muitas gerações, quanto pela sabedoria que continha os ensinamentos, Agostinho começava a crer que as Sagradas Escrituras foram deixadas pelo próprio Deus ao homem e concordava que aqueles que as escreveram o fizeram por meio de inspiração Divina:

Convenci-me então de que, longe de repreender os que acreditam em tuas Escrituras, reconhecidas com tanta autoridade em quase todos os povos, são repreensíveis aqueles que não acreditam e a quem não se deve dar ouvidos se disserem: ‘Como sabes que estes livros foram dados aos homens pelo espírito do único Deus, que é a verdade?’ (*Conf.*, VI, 5).

E dera o primeiro passo por um caminho que ainda havia muito por percorrer; estava enfermo e encontrara a cura: “Só a fé pode curar-me: desse modo, os olhos da minha inteligência já purificada, se dirigiam à tua verdade imutável e perfeita”. (*Conf.*, VI, 4). No decorrer da pesquisa percebemos quão gradual foi a ascensão de Santo Agostinho para a

descoberta de Deus. Conforme constatamos, inicialmente, ocorreu uma grande luta entre o desejo de conhecer e seus sentidos:

Atraído por tua beleza era logo afastado de ti por meu próprio peso que me fazia precipitar gemendo por terra. Esse peso eram meus hábitos carnis; mas a tua lembrança me acompanhava, e eu já não duvidava absolutamente da existência de um ser a quem devia estar unido. (*Conf., VII, 17*).

Buscava algo que não sabia o que era, entretanto, era continuamente afastado deste algo pelos sentidos: os hábitos carnis. O que ocorreu após vencer as paixões e desenvolver-se na fé foi lograr êxito na ascensão que persistia realizar em direção a Deus. E foi através desta ascensão a Deus, por meio da busca da verdade, acima de sua inteligência humana mutável, que Agostinho elevou-se gradualmente da realidade exterior - que o igualava aos animais irracionais, para a razão - inteligência da alma.

Era persistente em sua missão de conhecer a Deus. Sobre a natureza agostiniana narra Victorino Capanaga: “Sempre é difícil desenhar uma bela figura de Santo Agostinho porque é rebelde a todo pincel o segredo de sua vida espiritual. O espírito vivifica e enobrece sua figura de homem de ação e de luta”⁵⁸.

Santo Agostinho, por seu próprio testemunho, diz ter visto a Deus. A experiência que vivenciou, descreve minuciosamente como se deu o processo de sua ascensão à divindade. Assim, narramos as principais partes, nas linhas que se seguem:

Elevei-me gradualmente do corpo até a alma, daí subi até ao poder do raciocínio. Como também essa potência se reconhece mutável elevou-se até a inteligência e, afastando o pensamento de suas cogitações habituais... desembaraçou-se do turbilhão de fantasias contraditórias... descobrindo a luz que iluminava a inteligência ao afirmar com segurança que o imutável é preferível ao mutável. Foi assim que num lampejo de comovida

⁵⁸COPANAGA, Victorino. 1954. Pág.160. ‘*Siempre es difícil dibujar una bella estampa de San Agustín, porque es rebelde a todo pincel el secreto de su vida espiritual. El espíritu vivifica y esplendorea su figura de hombre de acción y de lucha*’.

intuição, ela (a intuição) chegou até aquele que é. (*Conf., VII, 17*).

O relato da experiência de Deus vivenciada por Santo Agostinho e sua mãe, está narrada no Cap. XVII do livro *Confissões* e se dá pela descrição da percepção que o Autor teve do absoluto, afirmando a possibilidade do homem conhecê-lo: “Percebi então o invisível que em ti se torna compreensível através das coisas criadas. Mas não fui capaz de fixar o olhar em ti e, sentindo renascer minha fraqueza, voltei aos objetos atuais”. (*Conf., VII, 17*).

Para que o homem se torne capaz de compreender a inefabilidade e grandeza de Deus é necessário que ocorra nele a purificação do espírito, que somente é atingida através da fé; por isso é preciso que o homem venha a nutrir-se com as luzes da fé: “Nossos corações são purificados pela fé”. (*De Trin., I, 17*). Somente através da fé o homem torna-se apto a chegar à visão intuitiva de Deus. Assim, a luz da fé deve ser o nutriente do espírito daquele que deseja alcançar a contemplação Divina. Para que logre a visão intuitiva de Deus, conforme descreve Santo Agostinho, é mister que ocorra no espírito do homem uma purificação, seguida de uma transformação, e, somente superadas tais etapas, ele estará apto a contemplar a Deus.

Ao longo de seu tratado *A Trindade*, Santo Agostinho expõe a viabilidade da tese de que a própria fé é a forma de purificação do coração humano e, por isso, o cultivo da fé seria a purificação necessária à contemplação. Para que se chegue a conceber a inefabilidade e grandeza Divina é necessário que o homem se purifique espiritualmente por meio da fé. Destarte a afirmação de que ao homem não é dada a possibilidade da visão de Deus, mas, somente a contemplação, Agostinho expõe categoricamente: “os olhos humanos não podem ver a divindade de modo algum”. (*videri autem divinitas humano visu, nullo modo potest*). Se a visão de Deus é vedada ao ser humano, porque é permitida a contemplação da divindade?

Mais uma vez, temos do Teólogo uma resposta direta e taxativa: “A contemplação é recompensa da fé”. (*De Trin., I, 17*).

Após a conversão Agostinho trabalhou ainda por muitos anos a sua fé e acreditava contar com o auxílio divino em tudo o que realizava. Era em nome daquele que o guiava em suas experiências, ou seja, o próprio Deus que habitava em seu coração, que muitas coisas lhe foram reveladas.

Agostinho logrou contemplar a Deus, teve a promessa divina cumprida, compreendeu a verdade, comprovou a existência do inefável e alcançou a felicidade. Levado pelo estudo das Sagradas Escrituras, numa das meditações que realizou conseguiu, desde seu próprio íntimo, contemplar o que estava ansiosamente buscando:

Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima da minha própria inteligência, vi uma luz imutável. (*Conf., VII, 10*).

Foram as meditações realizadas por Santo Agostinho as responsáveis, segundo ele, pelas inúmeras descobertas que se desencadearam em seu interior. Para a contemplação de Deus eram necessários olhos que estivessem além dos órgãos carnis (os olhos da mente) e inteligência acima da ordinária que dispomos (o entendimento). E, com a mente purificada, Deus revelou-se a Santo Agostinho, conforme o vemos testemunhar: ‘Vi uma luz imutável’. (*Conf., VII, X*).

Mas que tipo de luz seria esta luz para que ele pudesse denominá-la imutável? Qual seria sua constituição? Onde estaria ou de onde proviria? A descrição deste homem para aquela luz inicia-se por sua constituição:

Não era essa luz vulgar e evidente a todos com os olhos da carne, ou uma luz mais forte do mesmo gênero. Era como se

brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta mas totalmente diferente das luzes desta terra. (*Conf., VII, 10*).

Parecem palavras que poderiam ser facilmente substituídas por ‘inexplicável’. Sobre a esta ‘luz imutável’ vemos, quanto à sua localização, Santo Agostinho dizer: “Também não estava acima da minha mente como o óleo sobre a água nem como o céu sobre a terra, mas acima de mim porque ela me fez, e eu abaixo porque fui feito por ela”. (*Conf., VII, 10*). Esta luz só podia ser vista por ter-se feito acessível a ele e à sua mente.

Quando utiliza o exemplo do óleo sobre a água dizendo que aquela luz não era algo separado de sua mente, mas, misturava-se a ela (diferente, portanto, do óleo e da água, já que estes nunca se misturam), Agostinho quer dizer que, o fato da luz, mesmo acima da sua mente, misturar-se a ela, o fazia, para fazer-se conhecer. Quando utiliza a comparação do céu e da terra afirmando que também não estava tal luz acima de sua mente como ‘o céu está acima da terra’, compreendemos que ele quer dizer que esta luz, ainda que acima da natureza humana, rebaixa-se, para fazer-se apreender.

O fato de ter a indizível luz misturado-se a natureza ou à mente de Santo Agostinho, para que ele a pudesse contemplar, é prova de que ela era superior a ele. Superioridade relativa ao fato dela se localizar acima dele por tê-lo criado: ‘acima de mim porque ela me fez e eu fui feito por ela’. Compreendemos isso detalhadamente, pois, o vemos afirmar que a luz estava acima dele por ser ele criatura e ela Criador.

Sobre esta experiência vivida por Santo Agostinho sabiamente esclarece Sciacca:

Se a mente não cria, mas recebe de Deus a verdade, a mente recebe de Deus a luz, porque a verdade é a luz, porque a verdade é a luz de toda mente. Daqui a primeira conclusão: o

homem participa da verdade e, desta maneira, a mente é iluminada pela verdade⁵⁹.

E é neste momento que se sela o encontro do Douto Santo com a verdade e com Deus: na contemplação suprema da luz inefável. “A luz especial de Deus é a condição necessária para que o homem descubra a verdade⁶⁰”. Sobre este ocorrido nos relata Agostinho: “Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece conhece a eternidade. O amor a conhece. Ó eterna verdade, verdadeira caridade e querida eternidade! És meu Deus, “por ti suspiro dia e noite”. (*Conf., VII, 10*).

Para Santo Agostinho Deus é a própria verdade que se deixa conhecer elevando o homem a contemplar, através dela, coisas que não pudera ver antes: “Desde de que te conheci, tu me elevaste para me fazer ver que havia algo para ser visto, mas que eu era incapaz de ver”. (*Conf., VII, 10*). A revelação da verdade e o conseqüente conhecimento de Deus constituem, para Santo Agostinho, a elevação do homem. A revelação se manifesta para fazê-lo enxergar o essencial invisível aos olhos e eleva o homem à contemplação de Deus. A revelação que teve através da indizível luz faz com que Agostinho perceba o quanto estava afastado da verdade essencial, e, ao experimentá-la, conclui que ela é alimento transformador e fonte perene de renovação e vida.

Vemos que a verdade é descrita como o alimento que sustenta a vida e fortalece o homem:

Atingiste minha vista enferma com a tua irradiação fulgurante, e eu tremi de amor e de temor. Percebi que estava longe de ti, numa região desconhecida, e parecia ouvir-me tua voz do alto: ‘Eu sou o pão dos fortes: cresce, e de mim te alimentarás. Não

⁵⁹ SCIACCA, Michelle. 1955. Pág.266. ‘*Si la mente no crea, sino que recibe de Dios la verdad, la mente recibe de Dios la luz, porque la verdad es la luz, porque la verdad es la luz de toda mente. De aquí la primera conclusión: el hombre participa de la verdad y, por lo mismo, la mente es iluminada por la verdad*’.

⁶⁰ SCIACCA, Michelle. 1955 Pág. 268. ‘*La luz especial de Dios es la condición necesaria para que el hombre descubra la verdad*’.

me transformarás em ti, como fazes com o alimento do corpo, mas te transformarás em mim'. (*Conf., VII, 10*).

O alimento que a verdade fornece àqueles que dela experimentam é um alimento espiritual que fortalece e renova. O homem para receber tal alimento deve ser forte, pois, como é dito acima, ele é o pão dos fortes, daqueles que já são maduros no que desejam, aqueles que sabem o que querem, persistem na busca, e, por isso, progridem mais e mais após o encontro. O alimento material quando tomado pelo homem, em pouco tempo transforma-se em energia para manter o corpo, ou seja, é absorvido pelo corpo e aos poucos passa a fazer parte dele. Diferente do alimento material, a verdade, quando experimentada, não se modifica ou é absorvida por aquele que a recebe, mas o transforma, 'não me transformarás em ti, como fazes com o alimento do corpo, mas te transformarás em mim'.

A experiência da verdade não era algo explicável, antes, fazia mais parte do inefável do que de qualquer fato empírico que pudesse ser comprovado cientificamente. Por este motivo, julgamos a passagem que se segue como a mais metafísica de todo texto. Trata-se do momento em que Santo Agostinho se questiona sobre a existência da verdade e a possibilidade de sua realização no homem, e tem como resposta, um dogma da fé. É necessário, portanto, crer para que se experimente, e outra vez, o lema agostiniano 'crer para conhecer' é exposto como prova de algo que é, em si mesmo, inquestionável.

E eu disse: 'porventura deixará de existir a verdade, por não ser uma realidade difusa pelos espaços finitos e infinitos?' E tu me gritaste de longe: 'na verdade, eu sou aquele que sou' E ouvi como se ouve no coração, e já não tive motivo para duvidar. (*Conf., VII, 10*).

CONCLUSÃO

Agostinho findou com as angústias de sua alma: venceu os apelos dos sentidos, compreendeu o exercício da razão, e, desenvolvendo sua fé, pela Caridade e Misericórdia Divina contemplou a Deus, conheceu a verdade e encontrou a felicidade. Comprovou a existência da divindade escutando, acreditava que algo poderia falar-lhe ao coração: ‘ouvi como se ouve no coração’ (*Conf., VII, 10*) e não duvidou. Constatou a existência daquele que buscava quando, ao questionar sobre a possibilidade da existência da verdade, seja em espaços finitos ou infinitos (no homem ou em Deus) recebe uma resposta que lhe está preparada e não a que esperava escutar.

A resposta que recebe não deseja explicar nada, quer testá-lo em sua crença, saber até onde alcançava sua fé. Somente Deus poderia falar-lhe com tanta autoridade, somente Ele tinha autoridade para fazê-lo, e então Agostinho percebeu no mais íntimo de seu coração, as palavras do se Senhor: ‘na verdade, eu sou aquele que sou’. (*Conf., VII, 10*). Agostinho acolheu as palavras de Deus as compreendeu, quem além do Senhor responderia desta maneira? E assim, por si mesmo, constatou a existência da verdade que podia expandir-se e realizar-se, pois era acessível à compreensão humana.

Entendeu também que era dado ao homem o direito de conhecer a verdade: “Mais facilmente duvidaria de estar vivo do que da existência da verdade, a qual se aprende através das coisas criadas”(*Conf., VII, 10*), que podia ser conhecida pela e através da criação e à qual o homem podia ter acesso.

Após sua conversão vemos Agostinho rogar a Deus que se faça conhecer e o vemos também agradecendo pela esperança que o alegra e o anima. O Homem Santo sabe que aquele que busca em seu interior, alcança encontrar a Deus e a verdade; já que é prerrogativa

natural do homem, que traz em sua gênese espiritual o desejo de lançar-se no conhecimento de Deus.

A idéia central na visão agostiniana do mundo interior é a idéia da Verdade, e a relação mais profunda entre o espírito do homem e Deus é a relação entre a vida e a Verdade. Santo Agostinho ensina antes de tudo que na gênese mesma ou primeira origem da vida espiritual há necessariamente uma dependência de Deus, Verdade Criadora e Fonte de toda vida, já que ‘não ha vida alguma que não venha de Deus’⁶¹.

Agostinho quer praticar a verdade, quer ver a luz, quer viver com Deus por meio da prática da verdade e também quer compartilhar com todos sua experiência. Quer, por seu testemunho, conduzir os homens a Deus: “Amaste a verdade, pois, quem a pratica alcança a luz. Também eu quero praticá-la no íntimo do coração, diante de ti na minha confissão, e diante de muitas testemunhas nos meus escritos”. (*Conf., X, I*).

O homem, ainda que queira enganar a si próprio, jamais poderá enganar a Deus, nada pode se esconder dos olhos de Deus, pois ele é o conhecedor dos abismos da alma humana: “A ti, Senhor, que conheces os abismos da alma humana, poderia eu esconder algo ainda que não quisesse confessar-te? Eu poderia esconder-te de mim, mas nunca esconder-me de ti!”. (*Conf., X, II*).

A atitude humilde e honesta do coração de Santo Agostinho é, ao nosso entender, uma das grandes virtudes de sua santidade. O vemos pedir perdão a Deus pelas vezes que, de qualquer maneira, tenha vindo a desagradá-lo. Pede que seja ouvido, não pelas palavras que pronuncia, senão, deseja que Deus dê atenção aos clamores de sua alma.

⁶¹ VEGA, Pablo Nunes. 1981. Pág. 59. ‘La idea central en la visión agustiniana del mundo interior es la idea de la Verdad, y la relación más profunda entre el espíritu del hombre y Dios es la relación entre la vida y la Verdad San Agustín enseña antes de todo que en la génesis misma o primer origen de toda vida espiritual hay necesariamente una dependencia de Dios, Verdad Creadora y Fuente de toda vida: ya que ‘no hay vida alguna que no venga de Dios’.

Portanto, Senhor, tu me conheces como sou, e eu já disse com que finalidade me confesso a ti. É uma confissão feita não com palavras e com a voz do corpo mas com o grito interior da alma e com o clamor do pensamento, que teus ouvidos já conhecem. (*Conf., X, 2*).

A confissão é uma das práticas agostinianas da verdade. Seu intuito é que, alimentando sua alma com a verdade, vislumbre a luz, conheça a Deus e conseqüentemente alcance a felicidade. Para o Bispo africano, o motivo para o homem buscar a Deus é único e sempre o mesmo: encontrar a felicidade. “Como devo procurar-te Senhor? Quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida. Procurar-te-ei para que minha alma viva. O meu corpo, com efeito, vive da minha alma, e a alma vive de ti”. (*Conf., X, 20*).

Ele procura a felicidade em Deus porque Deus é a vida de sua alma. Como o corpo vive por ser animado pela alma, Agostinho diz que necessita procurar a Deus porque Ele é que lhe dá vida, a vida de seu corpo. O Homem Santo não vive mais por seu próprio esforço, mas, acredita que é Deus quem vive nele, e, desta maneira, precisa conhecê-lo para poder seguir vivendo.

Enquanto não possui a Deus, Agostinho afirma que não possuirá a felicidade. Deus é para ele a felicidade e por isso ela só será conhecida com a posse de Deus. “Como então devo procurar a felicidade? Não a possuirei enquanto não puder dizer: ‘Basta, aqui está’”. (*Conf., X, 23*). Por este motivo, ou seja, para explicar porque somente alegrar-se-á quando obtiver o que deseja, ele expõe: “A noção de felicidade leva, não só a amá-la, mas a querer possuí-la para ser feliz”. (*Conf., VII, 21*). Em se considerando que a felicidade é, para Santo Agostinho, a posse de Deus, compreendemos sua urgência em contemplar e exaltar a Deus, pois, sendo Deus a própria felicidade, ele não deseja apenas amá-lo, mas, também conhecê-lo, para ser feliz:

Cantar e caminhar: honrar a Deus com a voz e com a vida, fazer coro com as criaturas para engrandecer e publicar suas infinitas perfeições, gozar de suas maravilhas, enaltecer as infinitas riquezas de Cristo: eis aqui o supremo ideal e a suprema satisfação do gênio agostiniano. Santo Agostinho foi como David segundo a expressão de Dante: *Sommo cantor del sommo Duce*, sumo cantor do sumo Capitão que é Cristo, libertador dos homens.⁶²

⁶² CAPANAGA. 1988. Pág.164. “*Cantar y caminar: alabar a Dios con la voz y con la vida, hacer coro con las criaturas para engrandecer y publicar sus infinitas perfecciones, gozarse de sus maravillas, ensalzar las infinitas riquezas de Cristo: he aquí el supremo ideal y la suprema dicha del genio agustiniano. San Agustín fue como David según la expresión de Dante: Sommo cantor del sommo Duce, sumo cantor del sumo Capitán que es Cristo, libertador de los hombres*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus:** contra os pagãos. 3. ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1991. volumes I e II. 589 p. (Coleção Pensamento Humano).

_____. **Trindade.** Tradução e introdução de Augusto Belmonte. Revisão e nota Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Editora Paulus, 1994. 776 p. (Coleção Patrística).

_____. **A vida feliz:** diálogo filosófico. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira, csa. Introdução, notas e bibliografia Roque Frangiotti. São Paulo. 2ª ed. Editora Paulus. 1998. 157p. (Coleção Patrística n.11).

_____. **O mestre.** Introdução e comentários de Maria Leonor Xavier. Tradução de António Soares Pinheiro. Porto. Porto Editora. 1995. 103p.

_____. **Confissões.** Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo. Editora Paulus. 1997. 367p. (Coleção Patrística n.10).

_____. **Contra os Acadêmicos.** Diálogo em três livros. Tradução e prefácio de Vieira de Almeida. Coimbra MCMLVII.

_____. **O Livre Arbítrio.** Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira. Revisão de Honório Dalbosco. 2ª ed. São Paulo. Editora Paulus. 1999. 298 p. (Coleção Patrística n.8).

_____. **Solilóquios.** Tradução, introdução e notas de Adaury Fiorotti. 2ª ed. São Paulo. Editora Paulus. 1998. 108 p. (Coleção Patrística n.1).

COMPLEMENTAR (em Português)

BOHENER, Philoteus e GILSON, Étienne. 1996. **História da filosofia cristã: desde as origens.** Pág.156. 2ª Edição. Tradução de Raimundo Vier.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **“Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos”**. Recife. 2ª ed. Instituto Salesiano de Filosofia. 111p.

_____. **“O problema do mal na polêmica antimaniqueia de santo Agostinho”**. Porto Alegre: Edipucrs. 2002. 214p.

_____. **“Santo Agostinho: Um gênio intelectual a serviço da fé”**. Porto Alegre: Edipucrs. 1999 a, 216p.

_____. **“Conhecimento, ciência e verdade em Santo Agostinho”**. Porto Alegre. v. 43, n.3, 483-496, set. 1998c.

CREMONA, Carlos. **“Agostinho de Hipona: a razão e a fé”**. Trad. Pergentino Estefano Pivatto. Petrópolis: Editora Vozes. 1990. 262p. Coleção Vidas Famosas.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **‘Curso de Teologia Patrística III’**. A Vida da Igreja Primitiva (idade de ouro da patrística). Petrópolis. Editora Vozes: 1990.

HAMMAN, A.G. **“Santo Agostinho e seu tempo”**. São Paulo: Editora Paulus.1989.196p.

PAPINI, Giovanni. **‘Santo Agostinho’**. Trad. M. G. da Costa. Braga: Livraria Cruz.1949. 275p.

POSSÍDIO. **‘A Vida de Santo Agostinho’**. Trad. Monjas Benedictinas. São Paulo: Paulus, 1997, 95p.

ROCHA, Hilton de Miranda. **“Pelos Caminhos de Santo Agostinho”**. São Paulo. Editora Loyola, 1989, 269p.

Outros idiomas:

CAPANAGA, Victorino. **‘Agustín de Hipona: maestro de la conversión cristiana’**. Madrid: BAC, 1974, 475p.

_____. **Introducción. In: AGUSTÍN, San.** Del Orden In: Obras de San Agustín. 4.ed. Trad. in. y not. Vitorino Capanaga. Madrid: BAC, 1959.

_____. **‘San Agustín- Semblanza Biográfica’**. Madrid. Ediciones Stvdivm. 1954, 213p.

GARCIA-JUCENDA, J. Antonio. **“La cultura cristiana y san Agustín”**. Madrid. Editorial Cincel. 1988. 147p.

GILSON, Étienne. **“Introduzione allo studio di sant’Agostino”**. Tradução do francês de Vincenzo Venanzi Ventisette. Genova. 2^a ed. Casa Editrice Marietti S.p.A. 1997.

JOLIVET, Regis. **‘San Agustín y el Neoplatonismo Cristiano’**. Trad. G. Blanco; O. Iozzia; M. Guirao; J. Otero; E. Pironio y J. Ogar. Buenos Aires. Ediciones C.E.P.A, 1932, 239p.

PEGUEROLES, Juan. **“El Pensamiento Filosófico de san Agustín”**. Barcelona. 1.ed. Editorial Labor.1972.147p.

RIESCO, Gabriel. **“El hombre en san Agustín”**. Madrid. 1954. Imp.Juan Bravo.

SCIACCA, MicheleF. **“San Agustín”**. Tradução R. P. Ulpiano Alvarez Díez. Barcelona.1955.Editor Luis Miracle.1955.491p.

TRAPÉ, Agostino. **“San Agustín. El hombre, el pastor, el místico”**. Apresentação e introdução de Rafael Gallardo García, O.S.A. México. 2^a ed. Editorial Porrúa, S.A. 1994.

VEGA, Pablo Nunes. **‘Introducción a la Síntesis de San Agustín’**. Quito. 1981. 2^a ed. Ediciones de la Universidad Católica.

Tese

NOVAES FILHO, Moacyr Ayres. **‘O livre arbítrio da vontade humana e a presciência divina, segundo Agostinho de Hipona’**. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ADENDO

Introdução Biográfica de Santo Agostinho

Não há como apresentar um trabalho sobre Santo Agostinho sem realizar uma breve exposição da vida do autor, uma vez que todos os seus escritos e todas as suas ações estão diretamente relacionadas com a forma como transcorreu sua vida e as escolhas que fez no decurso dela.

Aurelius Augustinus (Santo Agostinho), nasceu em Tagaste, província romana de Numídia, na África, em 13 de Novembro de 354. Filho de Mônica, uma católica devotada, e Patrício, um pagão inveterado. Sabe-se que era uma criança esperta e teve uma infância tranqüila e plena de traquinagens. Apesar do esforço de seus pais para inculcar-lhe o gosto pelos estudos, Agostinho não era muito aplicado em seus deveres, ademais, logo passou a gostar de poesia, especialmente do poeta Virgílio, com a história do ‘Cavalo de Tróia’ – havendo memorizado muitos de seus versos.

No ano de 371, aos 17 anos de idade, tornou-se órfão, porque neste ano morre seu pai Patrício. Época em que se mudou para Cartago no intuito de continuar seus estudos; época também em que viveu um período de muita extroversão e gozos, deleitando-se dos prazeres terrenos, alheio às surpresas que a vida lhe reservava. Sempre dispôs de saúde débil, apesar de forte estado de ânimo, as doenças acompanharam-no por toda sua vida, mas nunca o impediram em seguir sua missão. Em 372 tornou-se pai, pois, neste ano, nasce seu filho Adeodato; neste mesmo período Agostinho está a descobrir a filosofia de Cícero e a seguir os maniqueístas.

Torna-se, em 373, professor em Tagaste, seguindo em 375, na companhia da mulher, do filho, do amigo Návigio e sua mãe Mônica, para Cartago. Em 383, desiludido com os ensinamentos maniqueus, desgostoso com seu ofício de professor e atraído pelas possibilidades de honras e lucros, Agostinho abandona Cartago e segue para Roma. Naquele mesmo ano, é acometido de uma febre que o deixa entre a vida e a morte. Ao recuperar-se funda uma Escola de Retórica em Roma, conseguindo, em curto espaço de tempo, vasto reconhecimento.

Em 384, pela indicação do Prefeito de Roma, Agostinho presta o concurso público de *rector* da cátedra de retórica em Milão, e, sendo aprovado, parte de Roma, aos 30 anos de idade. Em Milão é recebido por autoridades e logo ganha a simpatia de intelectuais e autoridades imperiais. Ao chegar, curioso em compreender os motivos da fama do Bispo da cidade, chamado Ambrósio, Agostinho resolve assistir um de seus discursos que, podemos dizer, mostraram-se muito elucidativos às diversas dúvidas que trazia em seu interior de incessante buscador. Fascinado pela figura do Bispo e por seus ensinamentos, impressionado pela paz de espírito que suas palavras lhe insuflavam, Agostinho resolveu aproximar-se e logo travou-se frutífera amizade entre eles.

Em 385 Agostinho pronunciou seu primeiro discurso em homenagem ao procônsul Bautônio. Realizou também o estudo do *Timeo* de Platão, de importância especial em sua doutrina teológica. No ano de 386, por meio de um novo amigo chamado Manlio Teodoro, Agostinho veio a conhecer profundamente a obra *Enéadas* de Plotino, na tradução do grego para o latim de Mario Victorino, sofrendo fortes influências dos textos neoplatônicos.

Em seguida Agostinho dedicou-se à leitura das cartas de Paulo de Tarso, e, após uma revelação que teve nos jardins de sua casa, foi levado definitivamente a converter-se ao

Cristianismo. Naquele mesmo ano demite-se do cargo de professor ‘*rector*’ e redige o texto *Contra Acadêmicos*. Com este texto inicia sua vida de grande escritor, pois, deste primeiro texto seguem-se imediatamente outros dois: *A Vida Feliz e Sobre a Ordem*.

Em 387 Agostinho, seu amigo Alípio e seu filho Adeodato são batizados; neste mesmo ano, sua mãe morre em Roma. Parte de Roma para África em 388 e começa a viver monasticamente em Tagaste, quando escreve a obra *Sobre a Verdadeira Religião*. Em 389 morre seu filho Adeodato; em 391 torna-se presbítero de Hipona. Enquanto ocupa a função de presbítero Agostinho por diversas vezes polemiza com o maniqueu Fortunato. No ano de 395 torna-se bispo de Hipona. Desenvolve um trabalho devotado por sua comunidade, dorme pouco e escreve em velocidade cada vez maior.

Entre os anos 397 a 398 redige *Confissões*, texto base para o trabalho que estamos realizando. O livro *Confissões* é a obra mais autobiográfica do autor porque nela ele relata detidamente tanto fatos corriqueiros de sua vida mundana quanto as inquietações de sua alma e como deu-se a conversão e a transformação em sua vida. Na época em que este livro foi escrito o autor já se encontrava com saúde muito debilitada. Neste texto Agostinho demonstra conhecimento dos clássicos antigos da filosofia e é o texto principal que vincula a Antiguidade e a Escolástica Medieval.

Ainda, após o texto *Confissões*, nos anos de 399 a 422 Santo Agostinho escreve a obra *Sobre a Trindade*. E, neste entremeio, ou mais especificamente em 413, Agostinho começa a escrever a obra *Cidade de Deus*; em 28 de Agosto de 430 vem a falecer em Hipona.

O método agostiniano

Santo Agostinho era verdadeiramente consciente de sua própria fragilidade. Tal consciência é fonte perene de sua autêntica humildade, que nunca o deixa perder de vista os limites da possibilidade de extensão da reflexão teológico-filosófica que realiza. Um dos exemplos está nesta frase: “Que eu nunca perca de vista o meu propósito, menos ainda a minha fraqueza”. (*De Trin. X, 1*).

A reconhecida fraqueza humana era o maior motivador ao ânimo de sua alma, resignada ao propósito de seguir com suas investigações sobre a natureza humana e os desígnios divinos.

É mister que friseamos a forma como o Autor desenvolve seus textos e os explana. Seu método de escrita é o hermenêutico onde, como se sabe, é impossível a dissociação autor/personagem. Notamos, sem dificuldade alguma, que muitos dos textos foram escritos tanto com base nos experimentos místicos vividos por santo Agostinho no decorrer de sua vida, quanto nas observações que realizava das necessidades constantes nas comunidades onde vivera. No decorrer do trabalho poderemos facilmente perceber que, em algumas passagens, as conclusões agostinianas são muito intuitivas, porém o Autor jamais se afasta de dar explicações científicas a todos os acontecimentos que lhe sucederam.

Finalmente, com relação a linguagem utilizada, podemos dizer que a vida santa daquele homem foi o motivo pelo qual seus textos são voltados ao ensinamento e à conscientização social, escritos em linguagem simples e acessível. Agostinho almejava conduzir os fiéis cristãos a uma busca pelo conhecimento interior e pelo conhecimento de Deus.

A metodologia dos ensinamentos era muito diversificada, o que faz de suas obras diferentes tratados, com temas muito distintos. Destarte seus livros apresentarem vários tipos de didáticas, alguns foram escritos em forma de diálogos interiores (como é o caso de *Solilóquios*), enquanto outros são exames de consciência (como as *Confissões*), há também uma obra que expõe o problema do mal e a teoria do conhecimento e está em forma de um diálogo com seu amigo Evódio (*O Livre Arbítrio*); um outro escrito em uma fase de recolhimento na companhia de familiares e amigos, que se pode dizer que seja um manual, já que Agostinho se utiliza das diversas inquietações de seus amigos em sua composição (que é o caso do texto *Vida Feliz*).

A maneira como Agostinho expõe e desenvolve suas teses, em muitos dos casos, apresenta argumentos que lhes dão uma forma circular e retórica e, por vezes, o vemos tratar com grande importância questões que parecem ocasionais, sem importar-se nem um pouco com isso. Por este fato Agostinho muitas vezes é motivo de grande incômodo a doutores e intelectuais da área acadêmica. Conforme o Professor Doutor da Universidade de São Paulo, Moacyr A. N. Filho afirmou em sua dissertação de mestrado: “O fato dos textos agostinianos terem caráter polêmico, dirigidos a leitores bem caracterizados, assinala mais do que a necessidade de encontrar respostas a indagações ocasionais”⁶³.

Segue que, mesmo na realização de textos lógicos/empíricos os filósofos utilizam um pouco da repetição para serem bem compreendidos e as repetições utilizadas por Santo Agostinho têm por certo o mesmo objetivo: o de ser fazer-se compreender por seus leitores. Assim, uma entre suas formas de escrever é jogando com os termos ou com a linguagem “a medida de amar é amar sem medidas”. Tais jogos de palavras fazem com que seus escritos

⁶³ FILHO, Moacyr Ayres Novaes. **O livre arbítrio da vontade humana e a presciência divina, segundo Agostinho de Hipona**. São Paulo: 1997. Doutorado em Filosofia. Pág.5.

não sejam textos monótonos e enfadonhos, mas cheios de arte e vida construídos de maneira simples e de fácil assimilação.

Entre muitos outros temas a verdade-conhecimento é ainda hoje muito estudada por diferentes autores que abordaram os escritos agostinianos em diversos idiomas. Entre os estudiosos de Santo Agostinho, citamos ilustrativamente trabalhos editados em português, tais como: Marcos Costa, com os textos, “*O Problema do Mal na Polêmica Antimaniqueia de Santo Agostinho*”; “*Santo Agostinho: um gênio intelectual a serviço da fé*”; Pedro Rubio no texto “*Toma e Lê: síntese agostiniana*”.

Ainda, em língua estrangeira, algum material dentre os que tivemos acesso: Victorino Capanága ‘*Agustín de Hipona: maestro de la conversión cristiana*’ e ‘*San Agustín- semblanza biográfica*’; também Pablo Nunes Vega, com o livro ‘*Introducción a la Síntesis de San Agustín*’. Em nosso trabalho utilizamos, quando necessário, partes dos textos destes e de outros comentadores através dos quais objetivamos elucidar afirmações desenvolvidas em nossa dissertação e apoiar às argumentações que realizamos.

Sendo as orações a maneira que Agostinho encontra de conversar com Deus e com seu íntimo mesmo, elas constituem a forma mais comum de execução do seu trabalho. Devemos ter em conta que, além de grande Teólogo e Filósofo, atividades que realizou com grande distinção, Santo Agostinho era também um homem santo e nossa reflexão sobre seus textos deve ser indissociável de tal fato.